



IRÁ, eto ÍNDIO ARI

ANTONIO MARTINES
BRENTAN

DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR

Dezembro 2016 - O Tempo Não Apagou

Fevereiro 2018 - Veredas da Alma

Julho 2019 - Estranho Valores

Junho 2020 - A Vida, a Morte, e o Amor

Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa

Janeiro 2022 - Caminho das Pedras

Janeiro 2022 - Onde Se Esconde A Felicidade

Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade

Janeiro 2023 – Conhecimento, Nosso Maior Tesouro

Janeiro 2023 – A Força do Amor

Janeiro 2024 – Romances No Agreste

Janeiro 2024 – De Volta ao Passado

Janeiro 2024 – Regeneração

Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe

Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão

Janeiro 2024 – Recomeçar, Para Ser Feliz

Fevereiro 2024 – A Frágil Justiça dos Homens

Março 2024 – Um Lugar Chamado Caprinos

Julho 2024 – Guiados Pelas Mãos do Destino

Abril 2025 – Filhos, Esses Nossos Desconhecidos

Abril 2025 – Coletânea De Prefácios e Introduções

Junho 2025 – O Caminho da Verdade

Agosto 2025 – Cortinas Sobre a Mente e o Passado



IRÁ, eto íNDIO ARI

ANTONIO MARTINES
BRENTAN

Primeira edição | Setembro de 2025

Copyright © 2025 *by*

Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2025] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Projeto da capa: Zara Lúcia

. . .

Disponível online

<https://www.antoniomartinesbrentan.com.br>

**IRÁ
eio
INDIO
ARI**

**ANTONIO MARTINES
BRENTAN**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

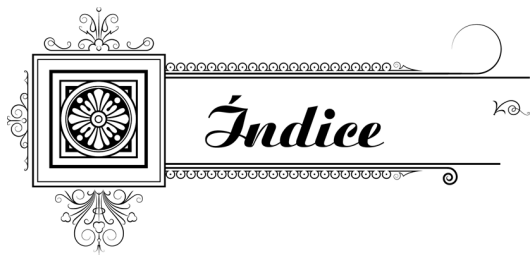
Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Ira, e o índio Ari -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(projeto) : Edição do autor. 1ª ed. setembro de 2025.

1. Dissertações 2. Filosofia 3. Diretrizes
4. Doutrina Espirita I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Dissertações : filosofia : Doutrina Espirita



Prefácio	9
Introdução	13
Obra do Acaso	19
O Preço da Irresponsabilidade	29
A Família, Ari, Ira e Belo	37
O Amor, Linguagem Universal.....	45
A Procura do Lugar Ideal	51
Permissão Concedida	59
A Entrega da Encomenda.....	65
Almoço com os Amigos	73
A Vida na Roça.....	79
A Benção das Chuvas	85
Omissão da Verdade	91

A Arte de Bem Viver	97
Visita de um Casal Fugitivos	105
Depois da Chegada, a Partida	117
Uma Decisão Repentina.....	123
Jardineiras Transpantaneiras	129
O Reencontro com os Pais.....	137
A Família de Iracema.....	145
Mistérios do Amor	151
A Nostalgia de uma Viagem de Trem...	159
Ari e Ira, Pais Possessivos.....	167
De Volta a Velha Rotina	177
Hábito de Preguiçoso.....	185
Um Domingo de Festa	191
Filhos, Esses Nossos Desconhecidos...	197
A Solução Encontrada por Sr. Ari.....	203
Quando há Amor, Tudo se Ajeita	211
Epílogo	217

Prefácio

Todas as histórias de amor têm o princípio, o meio e o fim. O final ideal seria, como preceitua o casamento religioso católico, “Até que a morte os separe”, mas nem sempre é assim. O próprio casamento entre católicos, cercado de uma série de compromissos, juramentos, testemunhas e pompas, tornou-se tão frágil, que se desfaz ao sabor da mais branda intempérie, o compromisso bilateral, forjado sob a chancela da Igreja, envolvendo o nome Deus, não possui mais a responsabilidade, de um compromisso sério e indissolúvel. A Doutrina Espírita, entende a relação conjugal como um dos compromissos espirituais, programados alhures, para atender circunstâncias específicas, que tem muito em a ver, com nossas

vivências anteriores, caracteriza-se pela oportunidade em equacionar pendências, para que as partes envolvidas, se libertem de débitos pretéritos, que pressupõem regates imprescindíveis. Caso essas pendências por razões outras, não sejam equacionadas, na presente existência, permanecerão pendentes, em suspensão, em prazo de espera, até futuras oportunidades, mas que obrigatoriamente haverá de serem solucionadas. O casamento é um elo, que concede aos envolvidos oportunidades de sanarem mutuamente suas dívidas com a Justiça Divina, inerentes a acontecimentos perpetrados no passado, geradores de malefícios, em detrimento a outrem. Sabemos que esse entendimento só é possível e aceito por aqueles, que dispuseram conhecer, os intrincados desígnios a que estão submetidos, indistintamente todos os espíritos. À exemplo de outros compromissos como: Paternidade, maternidade, filiação, laços sanguíneos, de famílias e outras relações.

Não obstante a racionalidade humana, e o que pregam a maioria das religiões, não admitem tal possibilidade, acreditam que a vida do homem

se resume em uma única e breve existência, que os espíritos réprobos estarão irremediavelmente condenados a penas eternas. Desconhecem e não aceitam a pluralidade das existências, são avessos a questionamentos sobre as consequências futuras de nossas más condutas. Ignoram e não acreditam, que todos os males que causamos aos nossos semelhantes, necessariamente serão passíveis de reparação.

Há ainda aqueles que acreditam apenas na Justiça dos homens, que é falha e frágil, que é facilmente ludibriada ou corrompida, que devido aos seus meios e expertises, fizeram por merecer ficarem impunes de seus delitos e arbitrariedades.

Como DEUS, concebeu a todos o livre-arbítrio, essa é uma decisão pessoal de fórum íntimo, temos a liberdade de pensar e fazer aquilo que desejarmos, mas a tendência que no decorrer das existências, em algum momento o espírito despertará para a necessidade de compreender, então descobrirá a luz e o tempo perdido. O tempo perdido não volta, é algo irrecuperável, a luz é a descoberta da verdade, através da razão, e quem a conheceu, não mais conseguirá viver em trevas, descobrirá que existe uma

fonte inesgotável de conhecimentos, que antes ignorávamos, mas depois que a conhecemos torna-se imprescindível em nossa vida. Que esse manancial de informações procede de um Poder Maior, que nos revelou, justamente para nos orientar. Que é através desse conhecimento, que passamos pautar nossos atos e decisões, e deixamos de contrair uma infinidade de problemas para nós mesmos. Esse conhecimento permite-nos perceber de forma inquestionável a existência, e os poderes de um Ser Supremo, Criador de todas as coisas existentes, e de Leis que regem toda Sua Criação, a esse Ser Supremo a quem chamamos DEUS, não nos foi dado condições para conhecer Seus atributos. Mas nos foi dado condições para conhecermos a perfeição de Suas Leis, a perfeição de toda Sua Criação, a harmonia da natureza, e de todo o universo, então reconhecemos a grandiosidade de Seus Atributos.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 07/08/2025..

Introdução

A história que iremos discorrer, não foi inspirada em nenhum fato verídico, mas no contexto de uma outra história, quando propusemos retratar a possibilidade de um amor perfeito, no romance “A força do amor”, publicado em janeiro/23, que narra a história de amor entre Clemente e Cândida, por um lapso de nossa parte, deixamos de elucidá-la, conforme havíamos prometido, somente agora decidimos retratar com riqueza de detalhes, a história de amor entre o índio Ari, e Iracema. Na época aventamos, que ambas histórias tinham muito em comum.

Nessa história procuraremos deixar em evidência, que nem todas as uniões conjugais necessariamente precisam durar para sempre. Quando não ocorre o engajamento das duas partes, em buscar a felicidade, não justifica perseverar em uma relação, que inevitavelmente estará fadada fracassar. Isso ocorre quando uma, ou ambas as partes, não estejam preparadas para assumir responsabilidades que o compromisso exige. A primeira união de Iracema, com Josué possuía fortes indícios que não teria vida longa, por ela ser muito jovem, e ele não possuir os atributos necessários, para assumir compromisso tão relevante, com os agravamentos de que bebia além da conta, e não gostava de trabalhar, ingredientes que mais cedo ou mais tarde, haveriam de abalar a estrutura da relação. Não obstante a Doutrina Espírita entender, que as uniões conjugais deveriam durar para sempre, não condena sua ruptura, quando a relação não proporciona os meios, para que o casal viva em harmonia. Por não coadunar com nenhum tipo de animosidades, violências e crimes.

O encontro de Ari com Iracema, não saberíamos ao certo se fora ou não, obra do acaso, mas ele

teria aparecido em sua vida no momento oportuno, e muito favorável, quando Iracema encontrava-se fragilizada e desiludida com Josué. Não obstante ter sido uma decisão irrefletida, tanto por parte de Ari, que lhe fez uma proposta até certo ponto ousada, e a aceitação súbita de Iracema, que acabara de o ter conhecido. À princípio tudo fazia crer, que quando caíssem na real, reconheceriam que haviam se precipitado. Mas isso não aconteceu. Não obstante às dificuldades, à medida que os dias se passavam, mais se entendiam, e consideravam ter sido uma decisão acertada.

Ari descendente de índios bolivianos, a algum tempo procurava encontrar uma companheira, apesar de não ter residência fixa, desde jovem deixou a aldeia onde os pais moravam, optou por navegar pelos rios, conhecer pessoas e cidades. Quanto a Iracema, só percebeu que havia cometido um erro, quando nasceu seu filho, e não tinha como voltar à casa dos pais, havia desobedecido seus conselhos, e fugido com Josué, contra a vontade deles. Ari fora para ela, uma oportunidade de deixar o marido, e aquele lugar, levando consigo o filho. Mas o que era improvável, acabou dando muito certo. Dessa

forma inicia-se a história de amor entre Ari e Iracema, que depois de muito viajarem de barco por rios paraguaios, entraram no pantanal brasileiro, por um afluente do Rio Paraguai, a procura de um lugar para se estabelecerem. Depois de quinze dias navegando pelos rios do pantanal, encontraram o lugar ideal, conforme imaginavam, com autorização do proprietário das terras, construíram uma casinha às margens do rio, e passaram viver felizes nesse local.

Essa história teria sido revelada, por Ari, quando um casal de fugitivos (Clemente e Cândida), aportaram no local onde moravam, encontrada no romance que escrevemos, acima citado. Por ter se iniciado de maneira tão repentina, de forma até inusitada, entendemos ser um acontecimento raro, e até desaconselhável, mas existem muitas coisas que fogem da normalidade, de nossa compreensão e até da racionalidade, acontecem por razões que desconhecemos, e o mais surpreendente, que acabara dando certo.

Por essas e outras razões, entendemos que vale a pena o leitor conhece-la, não se esquecendo que tudo não passara do produto de nossa imaginação.

O contador de histórias, necessariamente fantasia possibilidades. Mas qualquer observador atento, se analisar a realidade das histórias de amor da vida real, encontrará detalhes próprios muito particulares, que faz com que cada uma, seja única, assim como seus protagonistas.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal -MG, 10/08/2025..

Obra do Acaso

Rememorando nossas histórias escritas no passado, detectamos que deixamos de revelar como prometemos à época, uma história de amor, no mínimo interessante, a qual fizemos referência em nosso romance “A força do amor”, que agora resolvemos torna-la de conhecimento, de todos aqueles que se interessarem conhece-la. Como todos sabem, nossas histórias são fictícias, mas perfeitamente possível que já tenha acontecido algo semelhante, ou que venha ocorrer no futuro. Essa história teria tido seu início em

terras brasileiras, há muitos anos atrás, depois continuado em terras paraguaias, onde aconteceram alguns fatos, que obrigariam os personagens retornarem para a região do pantanal, em terras do Estado de Mato Grosso do Sul, antes que ocorresse a assinatura da Lei complementar n. 31 para divisão do Estado de Mato Grosso, em 11/10/1977, pelo então Presidente da República Ernesto Geisel, criando assim um novo Estado da Federação, quando os meios de transportes e comunicação, eram ainda muito precários.

Josué Santana, um rapaz brasileiro de vinte anos de idade, demonstrava não possuir os atributos necessários para se tornar um chefe de família, devido suas maneiras irresponsáveis, de levar à vida, não possuía uma profissão, não era nada afeito ao trabalho, e o pior de tudo, bebia deliberadamente, mesmo assim, conseguiu cativar a simpatia de Iracema Gaspar, uma menina pobre de apenas quinze anos de idade. Assim que os pais de Iracema tomaram conhecimento do relacionamento dos dois, os obrigaram que terminassem o namoro imediatamente. Como resposta à proibição, os dois

evadiram juntos do lugar onde moravam, que não ficava muito distante à fronteira, foram para o país vizinho Paraguai, onde ninguém os localizariam. Sr. Geraldo Gaspar e Dona Antônia Gaspar, desde então nunca mais tiveram notícias da filha.

Chegando ao Paraguai, decidiram morar em um pequeno povoado, não muito distante de onde passava um rio, nesse povoado não era difícil encontrar um barraco abandonado, conseguiram comprar alguns móveis usados, como, uma cama para dormir, um fogão para cozinhar, uma mesa e quatro cadeiras, alguns poucos utensílios de cozinha, e se estabeleceram em um desses barracos localizados nos arrabaldes. À princípio Josué demonstrara que intencionava mudar de vida, estava apaixonado pela esposa, que era muito jovem e bonita. que em verdade não chegaram se casar oficialmente, como queria conquista-la de vez, moderou na bebida, começou trabalhar, todos os dias, ganhar algum dinheiro, por comida dentro de casa, Iracema uma menina que sempre conviveu com a pobreza, estava satisfeita com o marido que acabara de arrumar. Tudo fazia crer, que aquele início de di-

ficuldades, seria passageiro, e o futuro lhes acenava com dias melhores.

Iracema não se omitia em ajudar o marido, começou prestar serviços domésticos, para famílias mais abastadas, com o pouco que ganhava, contribuía nas despesas da casa, comprava algumas roupas e calçados, para ela e para o marido, era visível a felicidade do jovem casal. Fizeram amizades com os vizinhos, estavam se entendendo muito bem. Poderíamos dizer que o primeiro ano de convivência, transcorreu em plena lua de mel. Joel desde o início chamava a esposa carinhosamente de “Cema”, ou meu amor, ou meu benzinho. Ela cada vez mais apaixonada pelo marido carinhoso.

Passada a euforia da paixão, Iracema engravidara ainda muito jovem, e o marido desiludiu-se do trabalho, voltou a beber. Dessa forma começava o drama de Iracema, que para não passar fome, continuava trabalhando nas casas de famílias, onde fazia suas refeições, enquanto isso o marido, passava o dia nos botecos da vila, pedindo às pessoas que lhe pagassem um gole de cachaça. Muitos o convidavam para trabalhar, em fazendas, ou como

ajudante de pedreiro, mas ele não aceitava nenhuma proposta.

Quando Iracema dizia que iria abandona-lo, e voltar para a casa dos pais no Brasil, ele a maltratava com palavras e desaforos, e muitas vezes a agredia fisicamente, mesmo durante o estado de gravidez. Então ela recorria à proteção das patroas, e não voltava para casa, dormia no local de trabalho. Josué bêbado às vezes também não voltava para casa, e dormia no mesmo local, onde tropeçava e caía, acordava somente quando a luz do sol, da manhã do dia seguinte, batia diretamente em sua cara. Nem se dava conta que a mulher havia dormido fora nas casas onde trabalhava.

Quando chegou a hora do parto, como sempre acontecia, o marido não estava presente, se encontrava bêbado pelos botecos, ou ruas do povoado, as vizinhas com ajuda de uma parteira, a socorreram e a ajudaram dar à luz, nasceria um lindo menino, que viria se chamar Belarmino, o pai nunca se preocupou em registra-lo. Como Dona Iracema não podia trabalhar, ficava em casa cuidando do filho, vivia com os donativos de vizinhas e das pessoas que a conheciam.

Enganaram-se quem estava pensando, que Josué mudaria de vida, com o nascimento do filho, para não ouvir o choro da criança, passava os dias e as noites fora de casa. Com medo de engravidar-se novamente, Dona Iracema não o aceitava mais como marido, com um pedaço de pau, o expulsava quando aparecia em casa para dormir. Josué era tão mesquinho e sem caráter, que chegara ao ponto de oferecer a esposa a outros homens em troca de um litro de cachaça. Como conheciam Dona Iracema, apesar de ser jovem e bonita, sabiam que se tratava de uma mulher honesta e trabalhadeira, nunca nenhum homem ousou ir importuna-la.

Assim que o filho Belarmino começou andar, Dona Iracema voltou ao trabalho, como doméstica, nas casas das famílias, Josué cada vez mais desmoralizado e inútil, perante à opinião das pessoas, nem se importava com isso, continuava sua vida de alcólatra pelos botequins do povoado. Da maneira como Iracema, havia deixado a casa dos pais, em terras brasileiras, não tinha coragem retornar, os pais cansaram de alerta-la para que abandonasse Josué, que naquela época, já demonstrava ser um rapaz

completamente sem futuro, alcóolatra e preguiçoso. Iracema sabia que sua desobediência, e depois sua fuga, planejada pelo namorado, que lhe prometia uma vida de felicidades, os havia magoado profundamente, e os feito sofrerem muito.

Em um certo sábado à tarde, estava Josué bêbado em um bar, quando aproximou de um rapaz moreno e forte, que pela aparência denotava ser descendente de índios, Josué pediu a ele que lhe pagasse uma dose de cachaça, o rapaz dissera a ele, que já estava muito bêbado para continuar bebendo, caso ele quisesse poderia ajuda-lo chegar até sua casa, para dormir e sarar da bebedeira. Josué teria começado reclamar a ele, que sua esposa não o aceitava mais dentro de sua própria casa. O descendente de índios, que se chamava Ari, propôs que o acompanharia conversaria e a convenceria, permitir que ele entrasse para dormir. Então Josué sem saber direito o que estava fazendo, permitiu que o índio estranho o acompanhasse, e foram os dois caminhando, até o barraco onde Dona Iracema morava com o filho Belarmino.

Dona Iracema ficou assustada quando viu aquele rapaz forte e sóbrio, ao lado do marido embriagado,

ele a cumprimentou educadamente, explicou com jeito, em seu linguajar castelhano meio diferente dos paraguaios, que seu marido estava muito bêbado, precisava dormir para recuperar-se. No momento ela ficou sem ação, permitiu que ele o levasse até o quarto, assim que se aproximaram, Josué desabou sobre a cama, praticamente dormindo. Ele voltou e a agradeceu, por ela ter atendido seu pedido, antes que se despedisse para ir embora, ela perguntou se conhecia seu marido. Ari respondeu que não, que o encontrou ao acaso no bar, e o trouxe para casa, para recuperar-se da bebedeira. Ela o agradeceu, pela sua voz percebeu que ela estava chorando.

Ari perguntou: – Seu marido costuma beber assim sempre?

Ela respondeu: – Todos os dias da semana, apesar de ser o pai de meu filho, não o considero mais meu marido, se eu pudesse sumiria hoje mesmo dessa casa, desse lugar, levaria meu filho, e desapareceria para sempre.

Ari disse a ela: – Você é uma mulher nova e muito bonita, eu nunca tive uma esposa, se você quiser me acompanhar, prometo que nunca dei-

xarei faltar nada a você e a seu filho. De hoje em diante você será minha esposa, e o menino será para mim, como se fosse meu filho.

Dona Iracema perguntou: – Qual é seu nome, você tem aparência de índio?

— Meu nome é Ari Coscuio, sou filho de índios bolivianos da etnia Chiquitano, deixei a aldeia de meus pais na Bolívia, ainda muito jovem, construí uma canoa para meu uso, minha vida tem sido navegar sozinho por todos esses rios, bolivianos, brasileiros e paraguaios, conhecendo pessoas e cidades, quando me canso de navegar, monto minha barraca de lona, ou construo um barraco com folhas de palmeiras, em um lugar bem bonito, às margens de um rio, fico pescando por alguns dias, depois continuo viajando. Agora mesmo estou pensando conhecer os rios do pantanal brasileiro.

— Você estava falando sério, quando disse que levaria eu e meu filho com você?

— Nunca disse nada tão sério em toda minha vida, meu barco está a menos de cinco quilômetros, amarrado em uma árvore à beira do rio, se você quiser podemos ir agora mesmo.

— Gostaria saber se você bebe?

— Bebo, mas somente água, café e erva-mate.

— Em seu barco tem espaço para mais dois, eu e o meu filho Belarmino?

— Tem espaço para nós três, e os filhos que iremos ter no futuro.

— Me espere um momento, vou pegar algumas roupas, e os casacos, e vamos embora daqui.

Ari sentou-se em uma cadeira, Iracema entrou no barraco com o filho, não demorou mais que dez minutos, saíram bem agasalhados, com um saco de roupas nas mãos, Ari pegou o menino, montou-o em seu pescoço, ela fechou a porta do barraco, e saíram por uma ruela lateral, que dava acesso à estrada que ia até às margens do rio.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 29/07/2025.

O Preço da Irresponsabilidade

No final daquela estrada havia o rio, perto das margens do rio uma espécie de pousada para pescadores, um prédio simples construído de tábuas de madeira serrada, coberto com telhas do tipo francesas, onde haviam uma dezena de quartos, com camas para dormir. O proprietário morava ali, alugava os quartos para pescadores, ou viajantes, pernoitarem. A travessia do rio era feita através de um barco grande, que não possuía motor, apenas um homem, girava uma espécie de manivela, à medida que uma corda grossa

enrolava ao sarilho, a embarcação ia em direção a uma carretilha fixada em uma base de concreto na barranca oposta do rio, o barco era usado somente para travessia de pedestre. Ao anoitecer Ari chegou acompanhado de Dona Iracema, com o menino Belarmino sobre o pescoço, desceu-o e entraram no prédio do alojamento, cumprimentaram o proprietário, um Senhor já de idade, meio obeso, com seus cabelos esbranquiçados, que se chamava Sr. Nelson, mas era conhecido por todos, como Sr. Cotia. Ari perguntou se havia um quarto desocupado, ele olhou para Ari, depois para Dona Iracema, como conhecia Ari, e sabia que não tinha uma esposa, falou: – Se preferirem temos mais de um quarto desocupado.

Ari olhou para Dona Iracema, perguntou: – Prefere dormir com o menino em um quarto?

Dona Iracema, perguntou ao Sr. Cotia: – Quantas camas tem no quarto?

— Temos quartos com uma cama de casal, e uma de solteiro.

Dona Iracema respondeu: – Então pode ser esse mesmo.

Ari pegou o saco de roupas, ela pegou a mão de Belarmino e acompanharam Sr. Cotia, ele abriu a porta do quarto espaçoso, ascendeu a lamparina, que deveria ser alimentada com azeite, e ofereceu: – Se estiverem com fome, e quiserem jantar, temos comida quente, está em panelas, sobre o fogão à lenha.

Ari disse: – Gostaríamos se possível, primeiro tomar um banho, depois jantamos, pode ser assim Iracema?

— Para mim está tudo bem, pode ser assim.

Sr. Cotia mostrou onde ficavam o banheiro com chuveiro de água fria, e a cozinha, e disse: – Fiquem à vontade, vou arrumar a mesa com os pratos e os talheres, enquanto tomam vosso banho, depois venham à cozinha para jantar.

Iracema pôs o saco de roupas sobre a cama, retirou uma toalha, e foi com o filho para o banheiro, assim que saíram, Ari foi tomar seu banho. Depois foram os três para cozinha, todos estavam com fome, e acharam a comida muito boa, principalmente o pintado ao molho, que Ari e Dona Iracema apreciavam, assim que terminaram de jantar, Ari foi até

onde estava Sr. Cotia, perguntou quanto lhe devia pelo quarto e pelo jantar, Sr. Cotia lhe disse o valor, ele imediatamente retirou o dinheiro do bolso e o pagou, disse que seu barco estava amarrado em uma árvore na barranca do rio, pretendiam levantar bem pela manhã, e partirem antes que o sol saísse, desceriam rio abaixo. Sr. Cotia disse que o café estaria pronto bem cedo, e desejou-lhe boa noite.

Faz-se oportuno esclarecer que Ari tinha apenas vinte três anos, Dona Iracema não havia completado vinte e um anos, e o menino Belarmino havia completado naqueles dias quatro anos. Mal o dia começava clarear, estavam os três na cozinha tomando o café da manhã, quando o sol saiu, a canoa de Ari singrava ao sabor da corrente no meio do rio, ele com dois remos de madeira sentado no piloto do barco, apenas controlava a embarcação, para que não saísse do canal, Dona Iracema e o filho sentados juntos no banco à frente do piloto, olhavam embevecidos a mata escura, imponente e exuberante, debruçando seus ramos viçosos sobre as duas margens do pequeno rio, afluente do Rio Pilcomayo, como se o quisesse abraça-lo. De vez quando Dona

Iracema se virava e olhava para Ari, ele sorria para ela, que retribuía também com um sorriso tímido.

Josué dormiu a noite toda, no domingo levantou-se quando o sol já havia saído, como não ouviu, nem viu a esposa, nem o filho, foi até a cozinha, estava deserta, viu uma panela e o bule de café sobre o fogão, ambos estavam vazios, como a esposa não trabalhava fora aos domingos, teria que ter ao menos coado o café, onde poderia ter ido ela com o filho àquelas horas. Saiu ao terreiro, tudo estava muito quieto e desolado. Foi até o barraco vizinho, procurou à vizinha se tinha visto Dona Iracema, dissera a ele, que haviam ido à igreja na noite de sábado, quando chegaram tarde da noite, não perceberam nada de anormal, o mesmo quando se levantaram pela manhã. Josué voltou para o barraco, sentou-se em uma cadeira, começou pensar no acontecido na tarde do dia anterior, quando o índio desconhecido o trouxe até o barraco, e com poucas palavras, convenceu a esposa deixar entrar e deitar-se na cama. Mecanicamente levantou-se foi até o quarto, abriu a porta do velho guarda-roupas, percebeu que dentro não havia quase nenhuma roupa.

Não teve mais nenhuma dúvida, o índio havia levado sua esposa e seu filho. Foi até a cozinha pegou uma faca, a esfregou em uma pedra de concreto, quando ficou bem afiada, a escondeu sob a roupa, pensou consigo mesmo, se encontrar a vagabunda com o índio safado, mato os dois. Procurou, perguntou, e não conseguiu nenhuma resposta. Foi até o bar onde encontrou o índio na tarde do dia anterior, perguntou sobre ele, o proprietário disse, que depois que o viu saindo com ele, não mais teria voltado. Desconfiado pegou a estrada em direção ao rio, chegando lá ouviu de Sr. Cotia, que o índio Ari, havia pernoitado em seu alojamento naquela noite, estava acompanhado de uma mulher branca e jovem, e um menino pequeno, dormiram todos no mesmo quarto, levantaram cedo, tomaram o café da manhã, pegaram suas coisas, entraram em uma boa canoa, que pertencia ao índio Ari, e seguiram descendo o rio, e àquelas horas deveriam estar, a muitos quilômetros dali. Josué por um momento sentiu-se abobalhado, depois adquiriu coragem, disse ao Sr. Cotia: – O desgraçado do índio, fingindo ser meu amigo, foi comigo até minha casa, assim

que fui dormir, roubou minha esposa e meu filho, se eu os encontrar, vou matar a todos.

Sr. Cotia tentou esclarecer dizendo a ele: – Pelo que percebi a mulher que o acompanhava, não estava sendo forçada a nada, senti que estava muito à vontade ao seu lado.

— Porque é uma vadia, vagabunda, por isso vou matar a todos.

Não restando-lhe outra alternativa, pegou a estrada de volta em direção ao povoado. Agora sim, Josué tinha motivos de sobra, para beber até cair, mas o infeliz tinha que encontrar alguém para lhe pagar a bebida, não tinha em seus bolsos sequer, uma cédula ou moeda de guarani, o dinheiro paraguaio.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 30/07/2025.

A Família, Ari, Ira e Belo

A canoa de Ari deslizava suave sobre o canal do rio, à medida que o sol fora se levantando, o primeiro a sentir o desconforto da viagem foi Belarmino, Dona Iracema envolveu sua cabeça com uma toalha, mesmo assim continuava reclamando. Deviam ser dez horas da manhã, já haviam percorrido uma longa distância, Ari viu enorme figueira do lado direito do rio, mudou o curso da embarcação em direção a enorme árvore, que por coincidência estava carregada de figos maduros, que estavam sendo aproveitados por um bando de passarinhos, assim que o barco aproximou, voaram em algazarras, deixando cair sobre a água do rio, os frutos que comiam, para a felicidade dos peixes.

Como dissemos fora Ari quem havia construído sua canoa, na proa existia uma repartição fechada, com uma portinhola na parte superior, trancada com um pequeno cadeado, era ali que guardava seus apetrechos. Assim que desembarcaram sob à sombra da majestosa árvore, Ari abriu o compartimento, retirou uma tarrafa, foi até o piloto do barco e a arremessou sobre as águas do rio, esperou um momento até que afundasse, e começou puxa-la, entre grandes e pequenos, haviam malhados quase uma centena de peixes, de várias espécies. Arrastou para fora, Dona Iracema e Belarmino ficaram admirados com tantos peixes capturados, começaram devolver ao rio os peixes pequenos, foi o suficiente para reanimar o garotinho. Depois retirou do mesmo compartimento, algumas caçarolas, e os cereais, para fazerem o almoço.

O fogão improvisado sobre algumas pedras, queimavam gravetos secos, retirados da mata, em menos de uma hora, o almoço estava pronto. Enquanto preparavam o almoço, Ari conversava com Iracema, agora sua esposa, e com o pequeno Belarmino, agora seu filho. Nessa conversa Iracema dissera a ele, que

Josué seu ex-marido a chamava de “Cema”, então Ari ficou pensando, depois disse a ela:

— Não vou chama-la assim, prefiro chama-la de “Ira”, que é meu nome ao contrário, de agora em diante nossos nomes terão as mesmas letras, você me chama de Ari, eu a chamo de Ira.

Ira perguntou a Ari: – Meu filho se chama Belarmino, foi Josué o pai dele, quem escolheu esse nome, em homenagem ao pai dele, que não cheguei conhecer, no começo eu não gostei desse nome, mas não disse nada, em verdade, ele escolheu o nome do filho, mas nunca teve a capacidade de registra-lo, o que você achou desse nome Belarmino?

— O nome Belarmino não é feio, mas muito grande, gosto de nomes pequenos, como o menino é muito bonito, de agora em diante, ele será meu filho, vamos chama-lo de “Belo”. O que você acha?

— O nome Belo é bem mais bonito que Belarmino, e agora como fazemos para registra-lo, se quem devia ter feito, não fez quando ele nasceu?

— Isso foi a melhor coisa que deixou de fazer, assim que passarmos por uma cidade brasileira, onde existe um Cartório, vamos nós três até lá, eu digo que

sou seu pai, você sua mãe, então o registramos como sendo brasileiro, e nosso filho verdadeiro.

— Meu nome é Iracema Gaspar. Com qual nome o registraremos?

— Me chamo Ari Cuscuio. Registraremos com o nome de Belarmino Gaspar Cuscuio.

— Se você quiser pode ser, mas eu preferia que se chama-se, Belo Gaspar Cuscuio.

— Como você é a mãe, sentiu as dores do parto, e o criou praticamente sozinha até hoje, tem todo direito de escolher o nome dele, então será Belo Gaspar Cuscuio.

E dessa forma bem democrática, e devidamente justificada, Ari e Ira, escolheram o novo nome para o filho deles. Que daquele dia em diante, teria um pai presente, para lhe ensinar tudo que sabia, apesar de não ser muita coisa, por que assim como a mãe, não tinham praticamente nenhum estudo, mas o ensinaria ser um homem honrado e respeitado, assim como era o índio Ari, que só deixava amigos por onde passava.

Enquanto descansavam sob a sombra da figueira, Ari entrara na mata, depois de algum

tempo voltava, trazendo nas mãos algumas folhas de palmeira, em pouco tempo, com uma habilidade impressionante havia tecido dois chapéus, um para esposa Ira, outro para o filho Belo. Agora com os chapéus em suas cabeças, entraram na canoa e voltaram a navegar, acompanhando o curso da corrente daquele pequeno rio, que certamente deveria ter também algum nome, que infelizmente não conhecemos.

Deveria ser mais de cinco horas da tarde, o vento soprava contra a corrente do rio, Ari acostou a embarcação em um dos lados do rio, perscrutou e ouviu um barulho, disse a Ira: – Acredito que a menos de cem metros à frente, deve haver uma cachoeira, ou uma corredeira de pedras, estou ouvindo o barulho das águas, descendo em velocidade. Vamos margeando o rio, para não sermos surpreendidos.

Ao aproximarem desceu da canoa, e a amarrou em uma raiz, foi caminhando pela margem algumas dezenas de metros, e pode ver de um ponto mais elevado, uma coluna de pedras pontiagudas, de aproximadamente quarenta metros de largura, que atravessava de um lado ao outro, toda extensão do

leito do rio, obstruindo completamente a passagem de qualquer tipo de embarcação tripulada. Como estava tarde, e o tempo para atravessar a canoa sobre as pedras seria imprevisível, Ari decidiu e comunicou a Ira, que o melhor que fariam, era montar um acampamento para passarem à noite, e deixar o trabalho para o dia seguinte de manhã. Como todos estavam cansados, ela concordou imediatamente.

Para capturar o peixe para o jantar, não fora necessário usar a tarrafa, Ari fora caminhando com cuidado sobre as pedras do leito do rio, e pode escolher o peixe de sua preferência, preso entre pedras. Tudo correria conforme previsto, exceto ao anoitecer, depois que haviam jantado, quando uma nuvem de borrachudos, chegou atacando a todos sem piedade, Ari experiente, providenciou uma fogueira, apagou as labaredas, colocou sobre ela alguns panos velhos umedecidos, provocando grande fumacê, afugentando os parasitas indesejáveis, assim que escureceu desapareceram, como pôr encanto. Ari nascido e criado em contato com a natureza, conhecia muito bem seus segredos, e sabia defender-se de suas inconveniências. Naquela região onde acam-

param, devido a abundância de alimentos, e a facilidade para obtê-los, naquele ponto do rio, existiam animais selvagens em quantidade, depois que os insetos se foram, Ari fortaleceu a fogueira com troncos grossos de madeiras, para que ardessem a noite toda, para as onças não aproximarem.

Na madrugada do dia seguinte, quando as últimas estrelas desapareciam do céu, fustigadas pela chegada da luz do sol, todos acordaram com os grunhidos dos animais, e miríades de vozes de aves, que juntando tudo produzia uma espécie de sinfonia celeste, que pouquíssimos seres humanos tiveram oportunidade de ouvir, e cada vez mais, tornam-se raros esses concertos em nossas matas e rios. Muitos podem justificar que é devido à Lei do Progresso, outros à Lei de Destruição. Diria que nem a uma, nem à outra. Mas a ausência da Lei de Conservação.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 31/07/2025.

O Amor, Linguagem Universal

Assim que amanhecera o dia Ari, com muito jeito foi puxando a canoa, através de um pequeno canal até um banco de areia, produzido pelas enchentes, a arrastou até um ponto abaixo da coluna de pedras, colocando-a novamente sobre as águas no leito do rio, e reiniciaram a viagem, sem saber direito para onde iriam, na terça-feira ao entardecer, chegaram em uma cidadezinha paraguaia, localizada às margens desse rio. Como ali existiam muitos pescadores, Ari comunicou à esposa que ficariam alguns dias naquela

vila, sem dizer a ela o que pretendia fazer, deixou seu barco em lugar seguro, foram procurar uma pensão, alugaram um quarto com banheiro, e duas camas, jantaram e foram dormir. No dia seguinte Ari voltou à beira do rio, onde os barcos dos pescadores estavam atracados, foi até seu barco retirou do compartimento alguns carretéis de linhas de pesca, começou tecer uma tarrafa, logo foram aparecendo pescadores trazendo suas redes danificadas, para que as consertassem, assim que surgia uma folga, voltava tecer a tarrafa. Depois de alguns dias, percebeu que não haviam mais redes nem tarrafas para consertar, vendeu as tarrafas que havia confeccionado, fizeram uma boa compra de cereais, acertaram o aluguel do quarto, e reiniciaram a viagem em direção ao Rio Paraguai. Como havia dito, pretendia conhecer os rios do pantanal brasileiro. Iracema nunca dissera a ele, que gostaria rever seus pais, em verdade onde se encontravam agora, estavam distantes de onde seus pais moravam, que ficaram mais ao norte do agora Estado do Mato Grosso do Sul, na região de Ponta Porã. Em verdade, Iracema quando deixou a casa paterna, para seguir Josué, sa-

bia que dificilmente iria revê-los. Assim como Ari, que deixara seus pais na Bolívia, não intencionava voltar de onde viera.

Não obstante Ari não ter instrução escolar, já havia percorrido muitas regiões, conhecera algumas cidades bolivianas, até quando chegou em Puerto Suárez, região fronteira com o Brasil. Depois viera conhecer as regiões Porto Murtinho e Corumbá, finalmente entrara para conhecer o Paraguai, sempre viajando pelos rios, parava nas cidades ribeirinhas, ou nas que não ficavam tão distantes do rio, para vender as tarrafas e as redes que confeccionava. Onde viria conhecer Iracema, uma mulher brasileira, que pelas circunstâncias como narramos, acabou indo morar em um pequeno vilarejo daquele país, que ficava retirada alguns quilômetros do rio, fora justamente ali que se conheceram, e poucas horas depois conversando, aceitara seu convite para acompanhá-lo. Caso um dia no futuro tivessem condições, poderia revelar ao seu novo companheiro, o desejo de rever os pais, para que conhecessem a ele, e também ao filho Belo, mas somente quando o relacionamento entre eles esti-

vesse de fato consolidado, por ora seria melhor não pensar nessa possibilidade, diante de tantas prioridades a realizarem. Iracema era uma mulher sensata, aceitou a proposta de fugir com ele, por que gostou dele, e da maneira educada como a tratou, e também a maneira como aceitou o filho.

Mais acostumados com o sol e o balanço do barco, Dona Ira e o pequeno Belo, desfrutavam à viagem como se fosse um agradável passeio, observando a exuberância da natureza, com todos os seus recursos, de vez em quando avistavam à beira do rio, um jacaré solitário, dormindo preguiçoso, se aquecendo ao sol, quando despertava com a aproximação do barco, corria em direção ao rio, mergulhava e desaparecia, ou um bando de capivaras, pastando entretidas, ao perceberem o barco aproximar, cada uma saía em disparada, em uma direção e saltavam no rio, provocando o mesmo barulho tradicional do mergulho, e desapareciam no fundo do rio, para reaparecerem muitos metros do lugar onde saltaram, ou bandos de macacos saltando de um galho para outro, de repente desapareciam na ramagem das árvores. Ou bandos de

passarinhos se alimentando de frutos, que a mata pródiga produzia em abundância, para saciar a fome desses seres voadores, que se encarregavam de espalhar as sementes desses frutos por todos os lados, proporcionando a proliferação dessas frutíferas. Para o índio Ari tudo aquilo era muito familiar, acostumado com aquelas cenas, reproduzidas pelos habitantes da natureza. A presença do homem para esses seres, representava verdadeira ameaça, era comum encontrar caçadores armados com espingardas, percorrendo de barco a extensão do rio, fazendo vítimas por onde passavam. Naquela época e naqueles lugares isolados, não haviam restrições à caça de animais silvestres, mesmo se houvessem, como fiscalizar a imensidão daquelas áreas isoladas, distante de tudo. Somente um trabalho de educação, e conscientização seriam capazes, inibirem e impedirem aos homens de cometerem esses abusos, que entendemos desnecessários.

Ari aprendera fazer tarrafas e redes de pescas, ainda em criança, quando vivia com seus pais e irmãos, em uma cabana, numa aldeia de índios, da etnia Chiquitano ao qual pertencia, à

época desconhecia o idioma espanhol, usado pelos homens civilizados da Bolívia, falava o idioma chiquito ou bésiro, que era o mais usado na região de Rio Beni e das serras de Santa Cruz, quando deixou sua família e sua tribo, aprendeu falar o espanhol, sem perder o sotaque de sua língua de origem. Portanto um espanhol, ou castelhano um pouco diferente, enquanto Ira falava somente o português, nos quase seis anos que morou no Paraguai, aprendeu interpretar o idioma espanhol, mas não conseguia pronuncia-lo. O pequeno Belo, cresceu meio perdido, ouvindo o espanhol e o português, talvez por essa razão, quase não falava, era muito observador, porem se expressava muito pouco. Agora convivendo com Ari e a mãe, em terras brasileiras, talvez desenvolveria mais, o idioma português.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 02/08/2025.

A Procura do Lugar Ideal

A exemplo do Brasil, as cidadezinhas paraguaias em sua maioria, nasceram às margens de um rio, ou de um pequeno rio, e com o passar dos tempos tornaram-se grandes cidades. A viagem de Ari com sua família, era constantemente interrompida, por não terem pressa em chegar, por que em verdade não sabiam precisamente para onde iriam, e onde se estabeleceriam. Paravam nas cidades próximas ao rio, para produzir e vender suas tarrafas e redes, prestar alguns trabalhos de recuperação de redes e tarra-

fas aos pescadores, como também, recuperação de barcos de madeira danificados, por ser muito habilidoso com trabalhos em madeira. Com essas atividades obtinha o dinheiro para realizar as compras para suprimento na viagem, aquisição de materiais de pescas, como, diversos tipos e diâmetros de linhas de pescas, para produzir seus trabalhos, quando não estavam navegando, principalmente para que Dona Iracema e o menino Belo, descansassem um pouco. Dona Ira dissera ao companheiro Ari, que deixariam para registrar o filho, quando estivessem em solo brasileiro, em uma cidade brasileira, nem ela nem Ari, intencionavam voltar ao país vizinho para residirem, poderiam até retornar, mas à título de passeio, ou para fazer compras. Não saberíamos exatamente precisar, a distância que haviam percorrido, mas já faziam mais de quarenta dias que os três haviam deixado o povoado, onde se conheceram.

Faz-se oportuno informar, que desde aquele fatídico domingo, que Josué descobrira através de Sr. Cotia, que a esposa, o havia abandonado para acompanhar o índio desconhecido, não

havia desistido de fazer vingança, isso é, caso os encontrassem, mataria aos dois. Sem imaginar, que por esses tempos já estavam a centenas de quilômetros distantes, e que Iracema nem mais se lembrava que um dia o conhecera, em verdade se pudesse esqueceria o passado de privações, somente soube o que significava felicidade, quando decidira acompanhar Ari, que desde aquele dia não havia recebido, nenhum tipo de maltrato de sua parte, sempre educado e carinhoso com ela. Que a cada dia que juntos passavam, mais aumentavam a consideração, e os sentimentos de carinho e de amor, de um para com o outro, até o menino Belo, demonstrava estar mais feliz e comunicativo, e Ari fazia questão de ser chamado de pai, por ele, e o considerava e tratava como filho, os dois estavam se entendendo muito bem. Enquanto Josué vendia os poucos apetrechos existentes em seu barraco, para adquirir cachaça para aplacar seu vício, que a cada dia mais se acentuava, e o debilitava físico e mentalmente. Um homem no auge de sua idade ainda jovem, completamente inutilizado pelo vício destruidor.

E a embarcação de Ari sempre seguindo na direção leste, lentamente deslocava para o sul, para cruzar com o majestoso Rio Paraguai, que mais ao sul se uniria ao não menos majestoso Rio Paraná, dando origem à formação da calha da bacia platina, para desaguar ao Oceano Atlântico, no extremo sul do continente. O Pantanal constitui enorme planície, muito rica em sua biodiversidade, que se espalha pelos territórios brasileiro, paraguaio e boliviano, numa extensão de 195.000 Km quadrados, sendo que 151.000 Km quadrados pertencem ao território brasileiro, os 44.000 restantes estão divididos entre os territórios paraguaio e boliviano, conhecidos lá, como Chaco. Nos meses chuvosos do ano, os rios que cortam essa enorme planície, invariavelmente elevavam seus níveis de água, permitindo que elas se espalhem por toda essa região, baixa e plana, tornando toda extensão dessas terras temporariamente alagadas. Seriam os rios dessa região pantaneira, do lado brasileiro que Ari, intencionava percorrer, para conhecer mais detalhadamente, e quem sabe se estabelecer com sua família, em um local aprazível, para isso teriam que

viajar muito, até encontrarem esse local que imaginavam existir.

Dona Iracema ouvia os planos do companheiro, e começava sonhar com essa possibilidade, esperava que um dia não muito distante, essa longa viagem haveria de chegar ao fim, não suportaria viver por mais muito tempo, dentro de uma canoa, onde não podia nem levantar para esticar as pernas, gostaria muito possuir sua casinha, onde pudesse preparar o almoço em um fogão, lavar as roupas em um bate-dor, dormir em sua cama, plantar uma horta, para colher verduras fresquinhas, possuir suas galinhas no terreiro. Passar uma semana sobre um pequeno barco é difícil, imaginam um mês inteiro, ao lado do filho de apenas quatro anos de idade.

Estávamos no mês de março, quando Ari percebeu que navegava por um mar de águas, a sua frente não visualizava sinal de terra firme, tudo estava submerso, não sabia ele que nessa época do ano, naquela região, as águas do Rio Paraguai, invadem as terras do pantanal brasileiro, tornando difícil identificar o leito do grande rio. Fora necessário retroceder até uma cidadezinha às margens

do Rio Pilcomayo, onde fora aconselhado esperar que passassem as cheias do Rio Paraguai, para poder penetrar pelo pantanal, seguindo o curso de algum rio, naquele momento seria quase impossível, naquele mar de águas, distinguir precisamente, o trajeto do curso de um rio. Então Ari e sua família alugaram um pequeno cômodo, e Ari passou prestar seus serviços aos pescadores daquela localidade, esperando que as águas baixassem, para poder seguirem viagem. Como a topografia da região é muito plana, as águas acumuladas vão drenando muito lentamente, até retornarem no nível normal.

À época a região do pantanal brasileiro, era essencialmente utilizada, para criação de gado, nos períodos das grandes cheias, o gado teria que ser retirado das áreas inundáveis, e levado para regiões mais altas, fora do alcance das enchentes, reduzindo drasticamente as áreas de pastagens, motivo da morte de muitos animais, afetando diretamente o resultado econômico da atividade, assim como as estiagens prolongadas, nas regiões de planalto, causam muitos prejuízos à pecuária, as cheias nas planícies também provocam muitas perdas e transtornos.

Nessa cidadezinha onde aportaram, tanto ele como Dona Iracema, fizeram amigos, poderiam até ficar morando ali por uns tempos, mas assim que as águas abaixaram, resolveram seguir viagem, não fora difícil encontrar um afluente do Rio Paraguai, que procedia do pantanal brasileiro, apesar de remar contra o sentido das águas, as correntes não ofereciam muitas dificuldades, devido ser o terreno muito plano, a abundância de peixes nesse pequeno rio era impressionante. De vez em quando passavam não muito distantes das sedes das fazendas, amarravam o barco iam caminhando até lá, sempre eram bem recebidos pelos moradores, apesar do idioma diferente de Ari, não tinham dificuldades em compreendê-lo, como dissemos, Dona Iracema falava somente o português.

Depois de navegarem por mais de quinze dias, em uma manhã, passaram pelos fundos de uma fazenda, onde em um ponto, o leito do rio em que navegavam, ficava bem abaixo do nível das terras, aportaram o barco sob enorme figueira incrustada às margens do rio, amarraram a canoa em uma raiz, escalaram o barranco de mais de três metros

de altura. Ari ficou analisando aquele local, dissera à companheira que ali, seria um ótimo local para se estabelecerem, mesmo em épocas de cheias, dificilmente seria inundada, devido ao enorme desnível. Mas para isso precisariam do consentimento do proprietário daquelas terras. Decidiram procurar pela sede da fazenda, para conhecer e conversar com o proprietário. Naquela região, como em toda região pantaneira, as propriedades rurais são muito extensas, verdadeiros latifúndios, depois de percorrerem certa distância, avistaram a sede da fazenda. Tanto poderiam ser bem, como também mal recebidos, mas Ari era ousado, resolveu que iriam até lá.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 05/08/2025.

Permissão Concedida

A sede da fazenda era composta por uma casa grande principal, onde o proprietário morava com sua família, algumas poucas casas menores próximas, certamente onde moravam os funcionários da fazenda, com suas famílias. Um enorme depósito também de alvenaria, destinado guardar suprimentos diversos, para uso e consumo da fazenda, um curral de tábuas construído com madeira de lei, com uma pequena parte coberta, em estilo moderno, como nas fazendas de pecuária, de outras regiões do Estado, para ma-

nejo do numeroso rebanho bovino, ao fundo um pomar, com diversas variedades de árvores frutíferas. Ainda distantes, foram recepcionados por dois cachorros barulhentos, mas educados para não atacar aos visitantes, mas avisar tempestivamente aos donos, a aproximação de pessoas estranhas a casa. Coronel Serafim, um Senhor cinquentenário, saiu ao terreiro, viu ao longe o casal acompanhado do menino, vindo em direção à casa principal. Foi até à porteira de entrada e ficou os esperando. Sr. Ari, Dona Iracema e o menino Belo, chegaram e o cumprimentaram com respeito, foram convidados acompanhá-lo, e se dirigiram para a parte posterior da casa, onde existia enorme varanda aberta, a esposa do Coronel Serafim, uma Senhora com aparência ainda jovem, chamada Dona Ana, veio cumprimentá-los, e indicou cadeiras para que se sentassem. Depois que se sentaram, Ari um pouco receoso, foi dizendo com cautela ao Coronel:

— Meu nome é Ari Cuscuio, sou descendente de índios bolivianos, minha esposa é brasileira, chama-se Dona Iracema Gaspar, nosso filho chama-se, Belo Gaspar Cuscuio, morávamos até alguns

meses atrás no Paraguai, decidimos mudar para Brasil, com a esperança de encontrar um local às margens de um rio, construirmos uma casinha, para morarmos, plantarmos umas ramas de mandioca, cultivarmos uma pequena horta para nosso consumo, e pescar no rio para nosso consumo, e se possível, também para vender. Ao passarmos próximo a uma enorme figueira, percebemos que ali existe uma área não utilizada às margens do rio, em um local bem elevado, fora do alcance das enchentes, então pensei, e comentei com minha companheira: Caso o proprietário dessas terras consentisse, poderíamos construir aqui uma casinha para morarmos, não custaria irmos falar com ele, caso não consentir, continuaremos procurando um outro lugar.

O coronel ouviu com atenção, a fala com sotaque diferente de Ari, mas percebeu perfeitamente o que ele desejava, tossiu limpando a garganta, e falou: – Minha propriedade margeia o rio por quase dez quilômetros, toda essa extensão às margens do rio é sub utilizada, e grande parte da extensão dessa margem é inundável quando o rio eleva seu nível de

água. Apesar de não os conhecer, percebo que são pessoas do bem, vou permitir que se instalem nas proximidades do rio, podem construir lá vosso barraco, se desejarem plantar alguma coisa, recomendo que cerquem a área, com arame farpado, por que meu gado circula livremente, por todos os lugares, não me responsabilizarei caso venham provocar algum dano. Avisarei meus funcionários, que estão lá com minha autorização. Caso no futuro venham causar-me algum tipo de aborrecimento, pedirei simplesmente que desocupem o lugar. Mas esperamos que isso não aconteça.

Dona Ana aproximou, e falou com benevolência: – Acredito que não tenham ainda almoçado, o almoço está nas panelas sobre o fogão à lenha, seria um prazer que almoçassem com a gente.

Sr. Ari apesar de ser descendente de índios, era um homem muito civilizado e educado, intercedeu dizendo: – Não obrigado, não queremos incomoda-los, só temos a agradecê-los pela hospitalidade, de nos ter recebido em vossa casa, e sobretudo, atendido nosso pedido, prometemos não causar nenhum problema para vocês, caso

virem precisar de nossos humildes préstimos, poderão contar conosco.

Coronel Serafim, falou com autoridade, de quem não pedia, mas de quem ordenava, disse: – Então vamos parar com essa prosa, que não enche barriga, vamos todos ao fogão, as panelas aqui nessa casa, com as graças de Deus, estão sempre cheias, faço questão que almocem com a gente, antes de irem cuidar de vossas vidas.

Diante daquela declaração, não tinha como recusarem, todos pegaram seus pratos, se serviram nas panelas, e foram sentar em cadeiras, que estavam em volta de enorme mesa de madeira maciça. Não precisaríamos dizer que a comida feita no fogão à lenha, na cozinha da casa de Dona Ana, esposa do Coronel, estava deliciosa. O mais importante era perceber a satisfação dos donos da casa, pessoas ricas, mas muito simples e humildes.

Depois do almoço, os três se despediram, agradeceram novamente e voltaram, trilhando pelo mesmo caminho. Sr. Ari e Dona Ira, estavam felizes. Não obstante possuir poucas ferramentas, Sr. Ari tinha muita intimidade com madeiras, quem fora

capaz de construir sozinho seu barco, com a ajuda da companheira, haveria de construir também uma casinha, para morarem. O menino Belo não conseguia acompanhá-los, Ari o colocou sobre o pescoço, e aceleraram a marcha, pretendiam demarcar e limpar o terreno, ainda naquela tarde, onde levantariam a futura residência, como dissemos, em local fora do alcance das enchentes.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 06/08/2025.

A Entrega da Encomenda

Como costumavam acampar para passar às noites, possuíam uma espécie de barraca, construída de lona resistente, facilmente montável. Primeiro montaram a barraca retiraram todas as coisas que levavam no barco, enquanto Belo ficara ali deitado descansando, os dois escolheram e demarcaram um local bem plano, onde no passado sem dúvida existira uma moradia, devido nesse local existir uma mangueira já adulta, que na época devida certamente, haveria de produzir muitos frutos. Começaram capinar,

e levar para longe todo mato capinado. Antes do entardecer estava tudo limpo e aplainado, foram todos tomar banho no rio, Sr. Ari improvisou com pedras um fogão à lenha, onde Dona Iracema colocou as panelas para preparar o jantar. Naquela época do ano a região, as noites eram bem frias, enquanto os dias eram quentes, devido a presença da luz do sol, no céu azul despido de nuvens. Depois do jantar, Sr. Ari iscou alguns anzóis, presos em linhas grossas e resistentes, arremessou ao rio, e as amarrou nas raízes expostas da figueira, na esperança de pescar algum peixe para o almoço, do dia seguinte, depois foram todos dormir na barraca. Na manhã seguinte, Sr. Ari levantou bem cedo, foi até a beira do rio, recolheu as linhas, haviam fisdos dois pintados. Como gesto de gratidão, deixou o menor na barraca, para o almoço, avisou Dona Iracema, que iria até à sede da fazenda do Coronel, para dar a eles o outro peixe, mas logo estaria de volta para continuar o trabalho.

Ari fora recebido pelo Coronel Serafim, assim que recebeu o presente, levou imediatamente para mostrar à esposa. Dona Ana ficou muito satisfeita, e

disse que estava a muito tempo, querendo fazer um pintado ao molho.

Coronel Serafim, disse a ele: – Quando pescar um pintado ou um jaú grande, venha me avisar, eu compro, e peço para alguém ir busca-lo. Mas só aceito se for nessa condição.

Sr. Ari despediu-se e saiu sorrindo, Coronel Serafim era um homem que gostava das coisas certas e justas, e não omitia em esclarece-las, exatamente como Ari gostava que agissem as pessoas.

O tempo foi passando, e a casa que Ari imaginava em forma de projeto, foi ganhando corpo e se tornando real, para Ari e Ira não existia sábados e domingos, todos os dias eram de trabalho, exceto algumas horas no final das tardes, quando saía com sua canoa, para armar os anzóis no rio. Haviam passados algumas semanas, e o tão esperado peixe encomendado pelo Coronel, ainda não havia caído em suas armadilhas, por essa razão procurava os lugares mais profundos do rio, para deixar seus anzóis a espera. De vez em quando por lá passava algum vaqueiro, vistoriando o gado, Ari pedia que dissesse ao Coronel, que ele não havia se esquecido do peixe

que encomendara, mas até então não havia conseguido pescar nenhum, conforme encomendara.

Descendo aquele rio a algumas horas de barco, às suas margens existia um vilarejo, por nome “Toca da Onça”, era ali que Ari vendia os peixes que secavam ao sol, e adquiria mantimentos, e condimentos para preparo da alimentação. Algumas ferramentas necessárias, para o trabalho, como também alguns materiais usados em sua construção, como, pregos, dobradiças, entre outros. Não obstante ter ido poucas vezes nesse vilarejo, sempre ia sozinho, devido o caminho de volta ser contra a corrente das águas, e a canoa sempre pesada com as coisas que comprava. Mas não se esquecia de trazer para esposa e para o filho, as encomendas que faziam, que os deixavam felizes. Dessa maneira iam tocando a vida, e a construção do casebre em fase bem adiantada.

Em uma manhã Ari fora sozinho, recolher os anzóis que na véspera havia deixado em espera. Quando puxou pela linha, o peixe que devia estar adormecido, acordou e pela força imprimida, percebeu que sozinho não conseguia retirá-lo da água, foi buscar a esposa, enquanto Dona Iracema ficou no

controle do barco, Ari lutava segurando a linha, puxando para trazê-lo para perto do barco, com receio que escapasse, orientou a esposa que conduzisse o barco para uma enseada de areia próxima à margem, quando percebeu que o casco do barco tocou o fundo, desceu da canoa, e o foi puxando lentamente para parte mais rasa, até quando o enorme peixe ficou impossibilitado para nadar, aproximou-se dele e o feriu de morte, próximo à cabeça, com uma faca de ponta. Só assim com muito cuidado, pode colocar dentro da canoa, devido aos espinhos existentes na nadadeira dorsal. Ari com toda sua experiência de pescador, não conseguiu informar com certeza a esposa, a espécie daquele peixe. O deixou na canoa, sob a figueira e foi até a sede da fazenda, avisar ao Coronel Serafim, que finalmente havia conseguido capturar o peixe que encomendara.

Quando chegou à fazenda, encontrou o Coronel com o cavalo encilhado, pretendia cavalgar pelos pastos, para vistoriar algum lote de gado, como sempre fazia. O cumprimentou e disse que tinha vindo avisá-lo, para mandar alguém buscar o peixe. Quando Ari revelou toda sua luta para tirá-lo

do rio, Coronel Serafim mudou de ideia, pediu ao funcionário que encilhasse outro animal bem manso, que iria pessoalmente buscar o peixe. Ari que não tinha muita habilidade com cavalos, o montou e foram os dois conversando em direção ao rio. Depois de vistoriar a construção da casa de Ari, foram até à figueira as margens do rio, onde estava a canoa. Quando Coronel viu o peixe dentro da canoa, o identificou de imediato, era conhecido ali na região, como, “surubim cachara”, por sinal tinha fama de ser muito perigoso quando fígado.

Ari e o Coronel tiveram dificuldade para pegar o peixe da canoa, e amarra-lo sobre a sela do animal, por ser muito pesado e escorregadio, por sorte o cavalo era muito manso, e aceitara conduzir a estranha carga, que não deveria pesar menos de quarenta quilos. Depois de tudo arrumado, Coronel perguntou quanto lhe teria que pagar pelo peixe. Ari que estava do lado da esposa e do filho, respondeu a ele:

— Meu desejo seria dar ao Senhor e a sua esposa, como sendo um presente nosso, mas vamos fazer diferente. Quando nossa casa ficar pronta, e mudarmos para ela, faremos uma visita a vossa casa, e

buscamos algumas galinhas e um galo, para que Iracema comece sua criação. Isso se o Senhor estiver de acordo com a troca.

— Apesar de ser minha esposa a dona das galinhas. Se é dessa maneira que preferem negociar, acredito que ela não vai se importar. Gostaria convidá-los para almoçar em nossa casa no domingo, vamos fazer peixe ao molho para o almoço. Então falaremos com Dona Ana, sobre nossa negociação, e tudo ficará resolvido.

— Podem nos esperar, vamos lá para almoçar e concluir nossa troca.

Se despediram, Coronel Serafim montou seu cavalo, e foi puxando o outro por uma corda, levando a carga preciosa, não demorou muito, desapareceram na imensidão da planície. Dessa maneira Ari havia honrado seu compromisso, havia acabado de entregar a encomenda.

Faz-se oportuno esclarecer que nos primórdios das civilizações, não existiam as moedas para se negociar, mesmo assim as pessoas negociavam através do escambo, que consistia na troca de mercadorias ou produtos. Por exemplo, trocava-se um

porco, por um saco de farinha, e assim por diante, conforme as disponibilidades e as necessidades das pessoas. Com a Lei do Progresso, mais tarde surgiriam as primeiras moedas, cunhadas em ouro, depois prata, cobre, aço inox, as cédulas em papel moeda, cheques, cartões, etc.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 06/08/2025.

Almoço com os Amigos

Como dissemos Sr. Ari e Dona Iracema, se empenharam ao máximo, para terminar logo a construção, dormir em uma pequena barraca de lona por muito tempo, não é nada confortável, se corresse tudo bem, em poucos dias a casa ofereceria ao menos condições para passarem as noites. Chegara o domingo, como haviam combinado com o Coronel, iriam até sua casa para almoçar, Dona Iracema achou melhor, irem logo pela manhã, assim ajudaria as empregadas de Dona

Ana, no preparo do almoço, e teriam mais tempo para conversarem, e fortalecer a amizade.

Depois de caminharem por mais de uma hora, por trilhas de gado, na vasta planície, chegaram à sede da fazenda. Coronel resolveu estender o convite para o almoço, a todos os funcionários da fazenda e as suas famílias, que era em torno de sete famílias. O domingo adquiriu clima de festa, com mulheres sobrando para os trabalhos de cozinha, crianças brincando, correndo pelo terreiro, e os homens reunidos, sentados em bancos de madeira sob uma árvore frondosa próxima à casa. Assim que Sr. Ari chegou com sua família, chamou atenção de todos, não era conhecido pessoalmente, mas seu nome sempre era citado nas conversas deles, Coronel o apresentou a todos, e logo foi intimado narrar em detalhes, a façanha de ter capturado peixe tão nobre, raro, grande, e considerado perigoso pelos ribeirinhos, devido sua força descomunal dentro da água. Apesar de seu idioma um pouco estranho para todos, Sr. Ari tinha muita facilidade para comunicar, e se fazia entender perfeitamen-

te, principalmente para discorrer sobre aventura vivenciada por ele, que acabou por cativa-los. Como todo pescador tem muitas histórias para contar, Sr. Ari sentiu-se bem à vontade, para enaltecer suas habilidades de canoeiro e pescador, e todos permaneciam concentrados em suas narrativas, e acreditavam em cada uma de suas palavras.

Sr. Ari sentiu-se tão à vontade, que revelou antes que alguém o perguntasse, sobre o filho Belo, Dona Iracema sendo uma mulher branca, ele sendo um índio autêntico, com todas as características de índio, sua pele morena, quase negra por viver em contato direto com sol, cabelos negros e lisos, como aos asiáticos, seria estranho terem um filho branco, quase loiro, assim como era o menino Belo. Então narrou com riqueza de detalhes, como conhecera Dona Iracema, e como a havia subtraído de seu primeiro marido, atribuindo ao encontro, um acontecimento do destino, como se ela estivesse ali o tempo todo, esperando por ele, que desde que se conheceram passaram viver uma linda história de amor. Não

obstante o menino não ser seu filho biológico, o considerava como seu filho legítimo, gostava dele, era responsável por ele, e pretendia fazê-lo um homem de verdade, trabalhador, honesto e respeitado. Com essa narrativa envolvente, Ari conseguia revelar aqueles Senhores, que tipo de homem ele era agora, um chefe de família, que amava a esposa e o filho.

Como Iracema manteve-se calada, a respeito do filho, logo fora questionada, por uma das mulheres presentes, quem seria de fato o pai biológico do menino. Não lhe restando outra saída, teve que explicar o fracasso de seu primeiro casamento com Josué, que em verdade nem se realizou oficialmente, passara quase seis anos de sua vida, amasiada com um homem tão irresponsável, que não tivera capacidade de registrar o filho. Então Ari o registrou em um Cartório, em terras brasileiras, como sendo ele o pai do menino, com o nome Belo Gaspar Cuscuio. Que somente veio saber o que era ter um marido de verdade, quando passara viver com Ari, que a amava, e a considerava como esposa. Que ela também o amava muito, e somente soube

o que era ser feliz, depois que o conheceu. Dona Ana, esposa do Coronel Serafim, que ouviu toda sua história, perguntou se já havia se casado com Ari. Dona Iracema respondeu que ainda não, mas esse era o desejo deles, e assim que tivessem condições realizariam.

Nessa oportunidade Dona Ana e Iracema, concluíram a negociação para pagamento do peixe pescado por Ari, iniciada pelos maridos. Perguntou a Dona Iracema, quantas galinhas gostaria levar para iniciar sua criação, ela respondera que cinco galinhas e um galo, seriam suficientes, Dona Ana dissera que pediria a um funcionário da fazenda, que levasse as galinhas e o galo até sua casa à beira do rio. Dessa forma haviam concluído o escambo, a troca do peixe pelas galinhas. Durante o almoço, o sabor do peixe pescado por Ari, com a ajuda da esposa, foi muito elogiado, mas o mérito não era somente dos pescadores, também das cozinheiras, que acertaram no tempero e no cozimento, proporcionando um excelente almoço.

Não obstante todas aquelas pessoas serem pobres e muito simples, com exceção do Coronel

e da esposa que eram ricos, mas igualmente muito simples, todos demonstravam serem felizes, alegres e cordiais uns com os outros, e tudo que comentavam, era motivos para brincadeiras sadias e risadas espontâneas. Apesar de Ari e a esposa não fazerem parte da equipe de funcionários da fazenda, não tiveram nenhuma dificuldade para se enturmarem, e serem considerados também do grupo.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 09/08/2025.

A Vida na Roça

Finalmente a casa projetada e construída por Ari, com ajuda da esposa, havia ficado pronta. Somente depois de concluída perceberam uma falha de engenharia, a altura da cozinha ficara muito baixa, como a madeira usada na construção fora retirada de uma mata próxima, e transportada sobre os ombros, Ari economizou no comprimento dos esteios, devido ao peso. Para se entrar na cozinha, era necessário abaixar a cabeça para não bater no teto. Depois de algumas cabeçadas, haveriam de acos-

tumar inclinarem-se. O fogão à lenha fora feito na cozinha, mas por ser baixa e abafada, optaram por montar a mesa no terreiro, sob a mangueira, onde passaram fazer as refeições.

Passados alguns dias, um funcionário da fazenda apareceu por lá trazendo dez galinhas e um galo, todos atrelados e amarrados sobre a sela de um outro animal. Dona Iracema disse ao funcionário, que se chamava Sr. Nonô, que as galinhas eram cinco, e não dez como havia mandado. Ele explicou que Dona Ana dissera, que a troca para ser mais justa, teria que ser dez galinhas. Somente uma pessoa como Dona Ana, seria capaz de um gesto assim, além de ser uma pessoa muito simples e humilde, era também caridosa. Como Sr. Ari já havia construído um galinheiro de ripas de taboas, foram todas fechadas até se acostumarem com a nova moradia.

Uma manhã apareceu por lá, o Coronel Serafim, foi convidado desmontar do cavalo, entrar para conhecer a singela moradia, enquanto conversavam, sentados em bancos sob a sombra da mangueira no terreiro, Dona Iracema cuidou

de coar um café, depois de tomar o café, antes que saísse, Sr. Ari um pouco constrangido, disse a ele:

— Somos muito gratos pelo Senhor ter permitido, construirmos nossa casa em vossas terras, como lhe disse também à época, e o Senhor havia concordado, eu e Iracema gostaríamos que nos mostrasse o lugar, onde poderíamos plantar nossa pequena roça, inclusive já comprei o arame para cercar o terreno.

— Como eu disse, podem escolher vocês mesmos, o local que desejarem plantar algumas coisas, para vosso consumo, sugeria que fosse um lugar alto, porque em épocas de cheias, as partes mais baixas alagam totalmente. É importante cercar, como dissemos anteriormente, o gado anda livremente por todos os lados. Podem ficar à vontade, e cercarem a área que quiserem, terras por aqui é o mais temos.

— Muito obrigado Coronel, assim que nossa horta começar produzir, levaremos algumas verduras para Dona Ana.

Dona Iracema disse: – Diz a Dona Ana que fiquei muito feliz com as galinhas, inclusive já temos galinhas chocando seus ovos, em seus ninhos, logo teremos pintinhos pelo terreiro.

— Eu direi, mas sei que Dona Ana, ficará também feliz, se forem visita-la qualquer hora.

— Pode dizer a ela, que logo iremos visita-la.

Coronel Serafim se despediu, montou seu cavalo, saiu em direção a uma manada de gado que estava deitada, não muito distante dali. Assim que ele se foi, Ari passou perscrutar o terreno do lado da casa, a terra escura demonstrava ser bastante fértil, seria ali ao lado da casa o lugar onde fariam sua horta e roça, cercariam todo espaço, inclusive o da casa, para que o gado não entrasse, e começariam preparar o terreno, depois conseguiriam as mudas, e as sementes e assim que comesçassem as chuvas, começariam plantar. Não obstante se tratar de uma ínfima fração de terras, em proporção a quantidade de terras da propriedade do Coronel, nem todo fazendeiro permitiria o que estavam fazendo.

O menino Belo, apesar de ser ainda um garotinho de menos de cinco anos, acordava todos os dias bem cedo, levantava e acompanhava o pai por onde ele fosse, e aprendia tudo com muita facilidade, e Ari o ensinava e tratava com muito respeito e carinho, e pelo tempo que o casal estava junto, sem fazer uso de nenhum tipo de preservativo, talvez houvesse algum problema com algum deles, por que até então Dona Iracema não conseguira engravidar-se. E a gravidez era algo que eles desejavam que acontecesse.

Agora enquanto Sr. Ari acompanhado por Belo, se ocupava recolher os peixes capturados durante à noite, Dona Iracema cuidava dos afazeres da casa, almoçavam cedo, depois iam trabalhar no preparo da roça, era um quadrilátero de aproximadamente um hectare, que daria para cultivar grande variedade plantas, que certamente, produziriam muitos alimentos para o consumo da pequena família, como: Mandioca, batata-doce, banana, milho, quiabo, beringela, entre outros. E a horta em um espaço menor, cultivariam alface, repolho, alho, cebola, entre

outros. Apesar de Sr. Ari e Dona Iracema, não terem muita intimidade com esse tipo de trabalho, com esforço e dedicação logo descobririam que não existiam muitos segredos, a chuva, o clima e os cuidados são os ingredientes essenciais para que as plantas façam sua parte.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 10/08/2025.

A Benção das Chuvas

Assim que o terreno ficou limpo e cercado, em uma tarde de primavera e céu ficou embaçado, a noite se fez mais cedo, do lado norte de quando em quando, relâmpagos avermelhados surgiam na linha do horizonte distante, era prenúncio que a chuva se aproximava. Sr. Ari, a esposa e o filho, foram dormir, depois de um breve sono, trovões distantes começaram ser ouvidos. Sr. Ari levantou da cama, abriu a janela do quarto, espiou o céu, estava coberto por nuvens escuras, que eram iluminadas

pelos relâmpagos, em poucos instantes o som forte do trovão ecoava pela planície sem fim. Sr. Ari fechou a janela e voltou para cama, logo ouviu os primeiros pingos se chocarem contra a cobertura da casa, que fora feita com sapé, espécie de capim nativo, que cresce acima de um metro de altura, que nasce no campo, não serve como alimentação animal, muito usado para se fazer coberturas, espalhados sobrepostos em camadas, amarrados sobre a estrutura de madeira da cobertura, torna-se impermeável, que veda com eficiência qualquer tormenta. Com um detalhe, não se ouve o barulho como em um telhado de telhas convencionais. E a chuva caiu abundante, no dia seguinte Sr. Ari e família levantaram bem cedo, a terra estava molhada, o rio elevara um pouco seu nível, estava na hora de começar plantar as mudas e semear as sementes.

Sr. Ari e o filho Belo, depois de tomarem o café coado por Dona Iracema, desceram até o rio, retiraram a água acumulada pela chuva dentro da canoa, desamarraram do ancoradouro, e partiram descendo e atravessando lentamente o rio, a dois

quilômetros do lado oposto existia uma propriedade, de porte não tão grande, onde uma variedade de plantações eram cultivadas pelo proprietário, que se chamava Sr. Inácio, e morava ali com sua família. Sr. Ari Já havia combinado com ele, que assim que chovesse, iria buscar mudas, para serem plantadas em sua roça. A roça de Sr. Inácio localizava-se bem próxima às margens do rio, numa área de terras muito férteis, como o desnível era mínimo, toda área plantada, era passível de alagamentos em épocas de cheias.

Sr. Ari e Belo foram muito bem recebidos pelo vizinho e sua família, que o ajudaram encher o barco com mudas, Sr. Ari levava para plantar em sua roça: Mudas de bananeiras de espécies variadas, ramas de mandioca, mudas de abacaxis, canas-de-açúcar, ramas de batata-doce, e vários tipos de sementes, milho, mamão, melancia, abóbora, quiabo, entre outras. Quando Ari perguntou, quanto pagaria pelas mudas, Sr. Inácio respondeu, que não pagaria nada, que ficava feliz em poder fornecer mudas para que as pessoas plantassem, prometeu que assim que pudesse fa-

ria uma visita, para conhecer sua moradia e sua roça. Sr. Ari o agradeceu, disse que seria um prazer recebe-lo em sua modesta casa, que quando lá fosse, levasse também a esposa para que conhecesse Dona Iracema, sua esposa e companheira.

Quando Ari aportou sua canoa, no ancoradouro sob a figueira, sentiu o cheiro bom que procedia das panelas de Dona Iracema, amarrou a canoa e foram rapidamente conferir se o sabor correspondia ao aroma que exalava, após o almoço teriam muito trabalho naquele dia, todas aquelas mudas teriam que ser plantadas imediatamente, fazia muito calor e o sol estava quente, indicadores que não demoraria, a chuva cairia novamente. Dona Iracema era muito boa cozinheira, o almoço estava cheiroso e delicioso, muito em breve a horta começaria produzir, verduras e legumes, e as refeições se tornariam ainda mais deliciosas.

Aquele restante de dia fora dedicado plantar as mudas, antes que murchassem, Dona Iracema e o menino Belo, participaram da empreitada, buscando as mudas na canoa, colocando-as nas covas abertas por Ari, quando terminaram o trabalho,

já era quase noite, quando nuvens escuras aproximavam, trazidas pela força do vento, assim que entraram na casa, a chuva benfazeja caiu abundante, molhando e lavando tudo. Um momento muito esperado e especial, para todos que trabalham a terra, até os animais ficam felizes, correm saltando procurando se agruparem.

E a natureza antes triste e ressequida, de repente se alegra, em poucos dias o verde antes ausente reaparece, caso a chuva persevere por alguns dias, toda vegetação se reveste de folhas novas, como é primavera, logo as flores aparecem, perfumando os campos, e projetando seus frutos. Enganam-se quem pensa, que somente os homens trabalham, a natureza toda labora em silêncio, em harmonia, sem reclamar, as plantas, os insetos, os peixes, os pássaros e toda espécie animal, cada uma delas, luta à sua maneira, para sua conservação, sobrevivência, e proliferação, tudo em conformidade com os desígnios e as Leis do Criador.

Os rios antes comportados, drenando mansamente suas águas lípidas, agora com as chuvas, elevam seus níveis, suas corredeiras ficam agitadas,

lançando para fora de suas margens, suas águas barrentas, invadindo pastagens, plantações, matas, cerrados e restingas, expulsando homens e animais de suas margens. Nada de anormal, é o ciclo das cheias que se iniciam, tem sua duração e no devido momento termina, volta ser, tudo como antes.

Faz-se oportuno lembrar que Sr. Ari e sua família, chegaram ao Rio Paraguai, em plena época das cheias, fora necessário esperar em um vilarejo, em terras paraguaias, que as águas abaixassem, para poder seguir pelos rios do pantanal brasileiro, portanto faltavam alguns meses para completar um ano, que haviam se estabelecidos naquele lugar, e já haviam vivenciado e realizado muitas coisas, e o mais importante, conquistado muitos amigos.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 11/08/2025.

Omissão da Verdade

Para quem já trabalhou com plantações sabe, que uma boa chuva depois do replantio de mudas, dificilmente ela não vingará, é o suficiente para que sobreviva e comece se desenvolver. Feita a plantação das mudas, no dia seguinte, Sr. Ari e família dedicou-se ao plantio das sementes que havia ganhado de Sr. Inácio, e de outras que havia comprado, no vilarejo “Toca da Onça”. Quando terminou o dia, toda sua roça havia sido plantada. Agora era esperar a germinação, e começar zelar de sua plantação, basicamente, com-

bater as pragas, como, fungos, ácaros e lagartas, e as ervas daninhas, se não forem capinadas, prejudicam as plantações, e rezar para que não faltassem chuvas.

Antes que terminasse a primavera, no mês de dezembro, a roça de Sr. Ari e Dona Iracema, chamava atenção daqueles que por lá passavam, tudo estava muito verde e bonito, Sr. Ari já havia distribuído melancias, abóboras e quiabos, para todos os moradores da fazenda do Coronel Serafim, com esse gesto, o casal de pescadores tornou-se muito querido por todos, não somente pelo fato de ter distribuído produtos, excedentes de sua roça, mas pela simpatia e a maneira de como tratava as pessoas, sua casa modesta às margens do rio, sempre recebia visitas, inclusive Dona Ana esposa do Coronel, certo dia apareceu por lá montada em um cavalo, ao lado de seu marido para visita-los, de tanto ouvir falar, resolveu ir até lá pessoalmente, para visita-los e conhecer o lugar onde moravam, e ficou admirada com tudo que viu, e pode sentir que o casal de pescadores, que agora também tornaram agricultores, eram muito felizes morando ali. Principalmente quando Sr. Ari muito emocionado, agradeceu a ela e ao marido, por

ter proporcionado a eles, a oportunidade de realizarem seus sonhos. Disse a eles que para ser feliz, não era necessário possuir muitas coisas, ter boa saúde, viver bem com a esposa e o filho que muito amavam, e ter uma casinha para morar, um rio para pescar, uma roça para plantar, trabalhar e colher.

Realmente o índio Ari, com toda sua simplicidade, era uma pessoa muito especial, sempre alegre e sorridente, não perdia oportunidade para dizer às pessoas, que encontrou a felicidade, quando encontrara sua esposa e seu filho, Dona Iracema e o menino Belo. Dizia sem nenhum constrangimento, que não era o pai biológico do menino Belo, mas o considerava e o amava, como fosse seu filho legítimo. Por que sabia que com essa declaração, deixava Dona Iracema muito orgulhosa e feliz. Situação que a maioria dos casais, mesmo vivendo felizes, não compartilhavam, dando a impressão que a vida conjugal, com o passar do tempo, torna-se tão monótona que esquecem de valorizá-la.

Em uma dessas viagens de barco que Sr. Ari fizera sozinho, ao vilarejo Toca da Onça, com finalidade de fazer compras, para suprimento da casa. Não

obstante colherem muitos alimentos em sua roça, outros precisavam ser adquiridos, como: Sal, açúcar, arroz, óleo, café, entre outros. Nessa oportunidade, conversando com pessoas como sempre fazia, por coincidência, conheceu um Senhor que se chamava Juan Vaqueiro, que falava a língua castelhana. Começaram conversar, descobriu que esse Senhor era paraguaio, e por acaso, ou por coincidência, morava com sua família, no vilarejo onde conhecera, Josué e logo em seguida Iracema, no momento ficou indeciso, se deveria perguntar ou não, sobre Josué, em um vilarejo pequeno como aquele, ers quase certo que o conhecia. Pensou melhor, talvez não surgiria outra oportunidade como aquela. Então decidiu perguntar se conhecia Josué, para obter informações sobre ele. À princípio Sr. Juan, não conseguia se lembrar de quem se tratava, então disse a ele que Josué, era um rapaz brasileiro, que deveria ter vinte cinco anos, ou pouco mais, que vivia bebendo pelos botecos daquele vilarejo. Então Sr. Juan se lembrou, e disse que o conheceu, e narrou o seguinte fato:

— Conheci Josué quando ele tinha uma esposa, que era também brasileira, viviam em um

barraco nos arrabaldes, enquanto a coitada, que não saberia dizer como se chamava, trabalhava todos os dias, nas casas de famílias, como empregada doméstica, ele ficava bebendo pelos botequins, até que ela deve ter se cansado dele, e desapareceu com o filho pequeno. Depois disso, começou beber pra valer, como não tinha dinheiro, trocava os objetos que tinha em seu barraco por cachaça, passados três ou quatro meses que a esposa havia desaparecido, o infeliz bebeu tanto, que fora encontrado caído inconsciente em um beco, havia entrado em coma alcoólico, fora socorrido, levado para um abrigo, como não tinha ninguém por ele, acabou falecendo nesse abrigo, e fora sepultado como indigente, no cemitério da vila.

Depois perguntou a Ari, como o havia conhecido, então Ari omitindo a verdade, disse a ele: – A muito tempo atrás estive nesse vilarejo, para vender algumas redes e tarrafas, que costumava fazer, o conheci em um bar, estava completamente embriagado, pediu-me que lhe pagasse uma cachaça, como estava muito bêbado, me recusei, e conversamos algumas coisas, dei a ele alguns conselhos, para que

parasse com a bebida, ele não prometeu-me que pararia de beber, nem me disse nada, que possuía uma esposa e um filho.

Sr. Juan Vaqueiro deu-se por satisfeito com sua resposta, perguntou onde estava morando agora, então Ari respondeu: – Desde que deixei a aldeia onde meus pais moravam, na Bolívia, não tenho morada fixa, vivo viajando de canoa pelos rios, agora me considero mais brasileiro que boliviano, estou conhecendo os rios do pantanal.

Durante a viagem de volta, em sua canoa, Ari remava pensativo, estava em dúvida, se deveria ou não revelar a esposa, o que tinha ouvido sobre o triste fim de Josué, tinha certeza que quando Iracema o deixou para segui-lo, não o amava mais, mesmo assim, talvez no momento, seria melhor não dizer nada a ela. Quem sabe um dia no futuro, quando surgisse uma oportunidade favorável, contaria a ela e ao filho, a história que ouviu do Sr. Juan Vaqueiro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 13/08/2025.

A Arte de Bem Viver

E o tempo fora passando, em seu ritmo cadenciado, e com ele fora passando também, o ciclo daquele período de cheias, renunciando a chegada de um novo ciclo de normalidade. Portanto completando assim, um ano que Sr. Ari e sua família, havia aportado sua canoa, sob a figueira centenária, plantada pela natureza, naquele ponto, às margens do rio. Coronel Serafim nunca se aborreceu com a presença do índio Ari e sua família em suas terras, muito pelo contrário, sempre que surgia uma oportunidade, montava seu cavalo e ia até sua casa, chegava desmontava, amarrava o cavalo no poste da cerca, e ia entrando sem cerimô-

nias, chamando pelo dono da casa, que logo vinha cumprimentá-lo, ficavam os dois, sentados em bancos de madeira, fincados sob a sombra da mangueira no quintal, conversando, um ouvindo as histórias do outro. De repente Dona Iracema, os interrompiam dizendo que o almoço estava pronto, como apreciava a comida que ela fazia, almoçava, somente depois ia embora, sempre levando alguma coisa, que Dona Iracema colhia em sua horta, e mandava para Dona Ana. De vez em quando, Coronel os convidavam para que fossem passar o domingo em sua casa, isso significava ir logo pela manhã, e voltarem somente à tarde, quando isso ocorria, os funcionários da fazenda, que moravam todos próximos, iam para casa do patrão, para ouvir as conversas de Ari, e acabavam se divertindo, e dando boas gargalhadas.

Outras vezes apareciam, vindos através do curso do rio, pequenas famílias de vizinhos, que moravam próximos ao rio, há alguns quilômetros, rio acima, ou rio abaixo, embarcados em uma canoa, amarravam o barco no ancoradouro que Ari construía, subiam o barranco do rio, e iam até a casa dele, que já o conheciam, porque o mesmo fazia Ari. Quan-

do não tinha nada para fazer, convidava a esposa Dona Iracema e o filho Belo, entravam na canoa, e saíam visitando os vizinhos que moravam próximos ao rio, conhecendo e fazendo amizades, e dessa maneira fora tornando conhecido por todos naquela região. O interessante que nessas visitas, sempre o visitante quando ia embora, levava alguma coisa como sinal de gratidão, como um cacho de bananas, uma melancia, uma galinha etc.

Analisando o comportamento do homem urbano, principalmente das pessoas que moram nas grandes cidades, com os hábitos dos sertanejos, pessoas que moram isoladas nos campos, percebe-se grande diferença nos relacionamentos, os moradores das grandes cidades, devido a correria do dia a dia, às vezes nem procuram conhecer quem mora na casa ao lado, ou no apartamento vizinho. Durante a semana, é da casa para o trabalho, do trabalho para casa, nos finais de semana quando estão de folga, isolam-se em suas casas, diante de um aparelho de televisão, ou vão passear com suas famílias, no parque, no zoológico ou no shop, e consideram essa rotina como qualidade de vida. Não obstante ser essa uma opinião pessoal,

com base nessas observações, sem intenção de criticar ou condenar o proceder do homem urbano, concluímos que a vida do homem no campo é mais saudável, capaz de tornar as pessoas mais solidárias, despreocupadas e felizes.

A realidade das pessoas que moram nos vilarejos, vilas e pequenas cidades no interior dos Estados, ainda conservam esses hábitos dos homens do campo, por procederem do campo e estarem sempre em contato com essas pessoas, todos conhecem a todos, se cumprimentam, pegando nas mãos, conversam cordialmente, quando se encontram nas ruas e praças. Têm o costume de visitar os amigos em suas casas. Não obstante existirem as exceções e os inconvenientes, inerentes aos seres humanos, próprios da vida em sociedade. De conformidade com nossa modesta opinião, baseado em nossas observações, a vida nessas pequenas comunidades, difere muito da frieza e da indiferença das pessoas dos grandes centros urbanos, as pessoas são mais calorosas, solidárias e fraternas, umas com as outras.

O que estamos tentando fazer entender, que aquela vida simples e pacata que Sr. Ari, escolheu

para viver naquele lugar, ao lado de sua amada esposa Dona Ira, e de seu querido filho Belo, para nós outros, pode parecer insignificante, solitária, monótona e entediante, mas para eles tinham outro significado. Devido suas origens sertanejas, significava que estavam morando numa espécie de paraíso, no lugar idealizado e escolhido por eles, e estavam vivendo da maneira como gostariam, conseguiam as suas maneiras, ganharem o sustento do dia a dia, e para eles apenas isso bastava, não ambicionavam nada além de viverem como gostariam, e o mais importante, estavam felizes.

O grande problema das pessoas, que se julgam poderosos, muito inteligentes, e são extremamente ambiciosos, criam para si, necessidades de posses, de uma infinidade de bens de valores, porque se acham na obrigação de serem ricos, e sejam considerados pela opinião pública, como pessoas bem sucedidas. Não satisfeitas querem a qualquer preço, ocuparem cargos e posições, que lhe conferem poder e status de autoridade, para sentir-se superior aos seus semelhantes. Para conseguirem o que desejam, lançam mão de todos os meios, lícitos e ilícitos, tornam-se

assim escravos de suas ambições supérfluas desmedidas, quanto mais se têm, mais desejam ter, e vivem sempre insatisfeitos consigo mesmo, com o que têm, e com o que são. Não leva em conta que esses valores são transitórios e passageiros. Ignoram a existência dos verdadeiros valores, que são imprecíveis, nos proporcionam satisfação e alegria de viver, e nos acompanharão ad eterno.

Entendo que essa visão de vida só adquirimos, quando descobrimos as razões dos propósitos de nossas existências, e a verdadeira finalidade de estarmos aqui nesse mundo. Mesmo quando descobrimos, temos dificuldades para desapegar, dessas necessidades que criamos para nós mesmos, esse desapego é uma conquista da evolução espiritual de cada indivíduo, essa condição não se adquire em uma única e breve existência, é um atributo do espírito milenar que conseguiu, a custa de muitos sacrifícios, desvencilhar-se dos sentimentos inferiores, em suas vivências sucessivas, principalmente do egoísmo e do orgulho, que fomentam nossa ambição, nosso ego, e nosso complexo de superioridade. Quando conseguimos desvencilharmos, e libertarmos desses pendores, nos

tornamos: Humildes, simples, brandos, generosos, pacíficos, misericordiosos. Exatamente como descreveu Jesus Cristo, como seriam os bem-aventurados, em seu primeiro pronunciamento público, conhecido como “Sermão da Montanha”.

Para refletimos sobre o que dissemos, por mais de uma vez JESUS, dissera em Seus ensinamentos, através dos Evangelhos: “Os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos”. (Mateus 20.16 e Lucas 13.30). Para avaliarmos o quão distante estamos da condição de bem aventurados, basta nos auto analisarmos, o quanto lutamos para não sermos os últimos, e o que somos capazes de fazer, para sermos os primeiros.

Por essa razão dissemos no capítulo anterior, que o índio Ari, era uma pessoa simples, mas muito especial, por ser alegre e sorridente, sobre tudo, despedido de orgulho e ambição.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 14/08/2025.

Visita de um Casal Fugitivos

Não obstante Coronel Serafim ser uma pessoa rica, usufrutuário de uma imensidão de terras, milhares de cabeças de gados, cavalos e empregados, ele e Dona Ana sua esposa, eram pessoas simples e humildes, tratavam todas as pessoas com igualdade e respeito, principalmente seus empregados, por essa razão eram muito queridos por todos. Poderíamos dizer que não eram pessoas esnobes, egoístas e orgulhosas, seus valores, não eram os bens dos quais eram usufrutuários, prezava pelo bom relacionamento

com todas as pessoas indistintamente, através dos sentimentos, de igualdade, respeito, sinceridade, honestidade. Viviam em paz consigo mesmos, e com os semelhantes, e proporcionavam condições para todos a sua volta, também vivessem em paz, e eram pessoas alegres e muito felizes.

Quando dissemos usufrutuário, queremos dizer que ninguém tem a posse definitiva de nenhum bem material, as riquezas são condições temporárias e transitórias, que passam de uns a outros, e vão se alternando sucessivamente, nossas próprias existências, são igualmente temporárias e transitórias, somente nosso espírito é imortal, e seu único patrimônio, são os conhecimentos que adquirimos através do estudo perseverante, e do trabalho enobrecedor, e as virtudes adquiridas através das boas ações que realizamos ao longo das existências. Quando adquirimos conhecimentos, e nos convencemos da veracidade desses conceitos, entendemos que cada existência que recebemos, são oportunidades de evolução que o Criador nos concede, para desenvolvermos nossa inteligência e tornarmos cada vez mais virtuosos.

Como dissemos no princípio, quando começamos narrar a história de amor do índio Ari, com Dona Iracema, adiantamos que essa história tivera sua origem quando o casal de namorados, Clemente e Cândida, fugiram da Fazenda Estaleiro, que pertencia ao seu pai Coronel Ferdinando Macambira, por não aceitar o namoro da filha com o professor Clemente, por que pretendia que ela casasse com o primo Joaquim, filho de seu irmão também fazendeiro, que se chamava Coronel Justino Macambira, então fugiram durante à noite, vieram aportar sob a sombra da figueira à beira do rio, nos fundos da casa de Sr. Ari e Dona Iracema, então Ari teria revelado a eles, como ocorrera seu romance com Iracema, que teria acontecido, mais ou menos conforme a narrativa que fizemos. Agora passamos descrever como teria sido esse encontro.

Faz-se oportuno informamos, que quando esse encontro aconteceu, faziam mais de cinco anos que Sr. Ari, Dona Iracema e o menino Belo, que agora tinha dez anos de idade, moravam naquele lugar.

* * *

Passavam das dez horas da manhã, o sol ia alto no céu despido de nuvens, seus raios incidiam diretamente sobre os dois ocupantes da canoa de madeira, que parecia deslizar, conduzida apenas pela força das águas, quando ao longe avistaram uma canoa atracada em um ancoradouro do lado esquerdo do rio, sob uma grande árvore, à medida que aproximavam perceberam a presença de pessoas, Clemente disse para Cândida: – Vou acostar a canoa e conversar com essas pessoas, para pedir informações. Cândida demonstrou concordar, mas não disse nada. Clemente embicou a canoa para o lado esquerdo, e foi aproximando lentamente, então perceberam que eram três as pessoas, um homem, uma mulher e um menino de uns dez anos de idade, estavam limpando os peixes que haviam pescado. Parou próximo de onde estavam, cumprimentaram-se, Clemente pediu com educação: – Podemos esticar nossas pernas, e descansar um pouco nessa sombra de árvore?

O homem autorizou com um sorriso, apesar de falar perfeitamente nossa língua, seusotaque

denunciava que deveria ser boliviano ou paraguaio, e pela aparência, descendente de índios. Clemente encostou a canoa o máximo possível, e com dificuldade puseram-se de pé, esperaram as pernas acordarem estavam dormentes, ou dormindo, devido a longa viagem, até que conseguiram equilibrarem e meio trôpegos saírem da canoa, Clemente perguntou: – Vocês moram aqui perto?

O menino simpático, um pouco acanhado apontando com o dedo, respondeu: – Bem ali.

A mulher ainda jovem, mas aparentando ter mais idade, perguntou em bom português para Cândida: – Vocês são casados, de onde estão vindo?

Clemente antecipou-se e respondeu por Cândida, que pareceu não saber o que responder de imediato, disse: – Somos casados, estamos procurando uma cidade ou uma vila. Viemos de muito longe, estamos nos mudando.

A mulher continuou perguntando: – Vocês não gostariam de almoçar, antes de seguir viagem, o povoado mais próximo, fica umas quatro horas de barco daqui.

Cândida respondeu antes que Clemente o fizesse: – Sabe que não seria uma má ideia, você não acha? Clemente a interrompeu antes que ela dissesse seu nome e apresentou-se dizendo: – Meu nome é Joaquim e minha esposa chama-se Joana. Em verdade estamos morrendo de fome, podemos pagar pelo almoço.

O homem que estava próximo sentiu-se na obrigação de participar da conversa: – Me chamo Ari, sou de família de índios bolivianos, apesar de ter nascido e me criado na Bolívia, estou no Brasil há alguns anos, me considero mais brasileiro que boliviano, minha mulher é brasileira seu nome é Iracema, como seu ex-marido a chamava de Cema, eu resolvi chamá-la de Ira, que é Ari ao contrário, o menino chamava-se Belarmino, mas mudamos seu nome, agora se chama Belo, por que o danado é muito bonito, ele não é meu sangue mas o considero meu filho, também depois de cinco anos. Fazemos questão que vocês fiquem para almoçar, se gostarem fiquem para jantar, e também para dormir, amanhã se quiserem seguem vossa viagem. Os peixes estão tratados, prontos para ir para panela.

Clemente aproximou-se de Cândida e segredou em seu ouvido: – Essa sim, achei que foi uma excelente ideia, o que você achou?

— Você deve estar morrendo de sono, não dormiu nenhum minuto à noite.

— É verdade.

— Sr. Ari, o Senhor teria um lugar onde a gente pudesse passar a noite, estamos mortos de cansados, fazem dois dias e duas noites, que venho controlando essa canoa no canal, não foi possível pregar os olhos.

— Amarre bem sua canoa no ancoradouro, peguem vossas coisas, vamos lá pra casa, temos um quarto para as visitas, para quem está cansado é um hotel.

O casebre humilde ficava numa região elevada, fora do alcance das enchentes do rio, que depois de acolher em seu leito, vários afluentes, certamente ali tinha outro nome. O único defeito da casa, o engenheiro planejou a construção para pessoas pequenas, tudo era muito baixo, as portas, o teto, exigia atenção das pessoas mais altas, para evitar cabeçadas, mas tinha espaço suficiente e privativo para se passar uma

inesquecível lua de mel. O fogão à lenha ficava na cozinha, mas a mesa de refeições no quintal debaixo de uma enorme mangueira, nos fundos da cozinha, isso para quando não estivesse chovendo. Os três demais cômodos eram todos dormitórios, inclusive com portas e janelas que poderiam ser fechadas, para assegurar privacidade. O alojamento foi aprovado por Clemente e Cândida, sem nenhuma restrição, a comida ficou pronta antes do meio dia, estava deliciosa, arroz, feijão catador, mandioca cozida e pintado ao molho e alface fresquinha, colhida na horta ao lado da casa. A hospitalidade do casal não poderia ser melhor, a conversa divertida, principalmente quando Sr. Ari, resolveu revelar como se deu o romance dele com Dona Iracema. Desde o dia que se conheceram, nesse mesmo dia, ela decidiu acompanhá-lo, e estavam juntos até aquele momento, e a cada dia que passava eram mais felizes. Talvez na esperança que Joaquim, também revelasse como foi seu romance com Joana, que era praticamente uma mocinha, parecia ainda uma menina quando falava ou sorria.

O romance de Sr. Ari com Dona Ira, começou ser revelada, logo depois que todos almoçaram, e

tinha certa semelhança com a história de amor de Clemente e Cândida, o que nos leva concluir que para o amor verdadeiro não existem fronteiras nem barreiras, ele simplesmente supera os obstáculos, tanto que à medida que Sr. Ari, narrava sua história, Cândida por várias vezes enxugou lágrimas que espontaneamente brotaram de seus lindos olhos. Para não deixar impressão que os homens não têm sensibilidade, Clemente também se emocionou, e não resistiu, e desfez o mal entendido quando propositadamente por desconfiança trocou seu nome e de Cândida, e esclareceu:

— Sr. Ari e Dona Iracema, diante da revelação de vossa história de amor, feita pelo Senhor, vejo-me na obrigação de esclarecer que não fui honesto com vocês, quando falei sobre nós. Em verdade meu nome é Clemente e o dela é Cândida, e ainda não somos casados. Somos dois fugitivos, exatamente para salvar nosso amor. Eu trabalhava como empregado, na fazenda do pai de Cândida, a essas horas ele deve estar acompanhado de todos seus outros empregados, nos procurando, acho se me encontrassem seria capaz de mandar matar-me, para

impedir que ficássemos juntos, justamente por eu ser um rapaz pobre, e ela ser sua filha, um homem muito rico, que queria casá-la com um rapaz também rico, mas que ela nunca amou. Por essa razão, se algum dia aparecer por aqui alguém procurando por nós, gostaríamos que dissessem que nunca passamos por aqui, e vamos fazer tudo para permanecermos sempre juntos, por amarmo-nos muito, assim como vocês dois também se amam.

Sr. Ari arrematou: – Podem ficar tranquilos, nunca falaremos a ninguém que estiveram aqui, e desejamos que vocês dois sejam felizes, assim como eu e Ira somos. Como vocês podem ver, o que temos é muito pouco, mas é o suficiente para juntos sermos felizes.

Dona Iracema e Cândida tinham muito em comum, eram pessoas igualmente emotivas, ambas choravam comovidas. Sr. Ari, parecia ter o poder de ler os pensamentos dos visitantes, assim se expressou:

— Como vocês disseram estão muito cansados, e com sono, vou mostrar-lhes o quarto de visitas, enquanto vocês descansam, nós vamos trabalhar

um pouco em nossa roça, que fica bem aqui ao lado, quando acordarem voltaremos para continuar narrando nossa história. Afinal não é sempre que recebemos visitas assim tão especiais como vocês.

E com um carinho paternal, conduziu o casal até o quarto de visitas, assim que entraram, puxou delicadamente a porta, e se retirou.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 15/08/2025.

Depois da Chegada, a Partida

Quando o sol descambava em direção a linha do horizonte, e arrefecia seu calor, Clemente e Cândida, deixavam o quarto de visitas, da humilde habitação, e juntos caminhavam em direção à roça onde Sr. Ari e Dona Ira, capinavam o mandiocal. Quando viram que os visitantes já haviam descansado, encerraram seus afazeres, afinal não era sempre que tinham companhia para conversar, e saber notícias das coisas que estavam acontecendo pelo mundo, viviam completamente isolados naquele paraíso solitário.

Foram os cinco até as margens do rio onde estavam as canoas, sentaram sob a árvore frondosa, então Clemente explicou em detalhes, como tudo aconteceu, e a difícil situação que eles haveriam de enfrentar. Ficaram sabendo que nesse povoado mais próximo, que se localizava às margens do rio, seria possível desfazerem-se da canoa, e pegarem um transporte terrestre, puxado por animais, para um centro urbanizado, se fossem para o sul, chegariam à Campo Grande, se tomassem a direção norte, iriam para capital do estado, Cuiabá, ambas seriam igualmente longas e demoradas viagens, mas era a maneira de sair daquela região pantaneira, que nessa época do ano as cheias dos rios começavam inundar praticamente tudo, à ponto de isolar as estradas, até os animais que viviam nos campos.

Clemente não saberia dizer se pretendia ir para o sul ou para o norte, só tinha certeza que precisavam encontrar um lugar, para recomeçarem suas novas vidas, eram jovens, tinham saúde, se amavam, tinha encontrado o amor de sua vida, certamente Deus os abençoariam, não queriam muito, só dese-

javam serem felizes. E com certeza haveriam de ser muito felizes.

Na manhã do dia seguinte, antes que o sol aparecesse, depois de tomarem uma xícara de café preto, Clemente perguntou ao Sr. Ari quanto lhe devia, Sr. Ari com seus modos simpáticos lhe disse:

— Vocês vão ficar nos devendo uma outra visita, para nos dizer onde estão morando, então se puder quero ir com minha família visitá-los. Foi uma alegria imensa recebê-los em nossa humilde casa, que Deus lhes acompanhem, e que sejam felizes como nós.

Depois de se abraçarem, Clemente abaixou-se abriu sua sacola, pegou uma de suas camisas e lhe entregando disse: – Quero deixar com o Senhor esta camisa, como sinal de gratidão, por tudo de bom que nos proporcionou, com seus exemplos de superação, e que Deus lhe abençoe, e que continue sendo essa pessoa otimista e solidária que sabe conquistar as pessoas mesmo sem procurar conhecê-las.

Cândida imitando o gesto do marido, retirou de entre suas roupas, uma blusa e entregou a Dona Iracema, sussurrou um segredo em seu ouvido, e fa-

lou com a voz trêmula, quase chorando de emoção: – Gostaria também deixar esta lembrancinha para a Senhora, e muito obrigado por tudo.

Desceram até o rio, tornaram-se abraçar, Clemente desamarrou a canoa do ancoradouro, os dois sentaram em seus lugares, e quando saíram acenaram-se despedindo mais uma vez, em alguns minutos estavam no meio do rio, onde existia uma corrente mais forte, que fazia a canoinha deslizar sobre a água sem exigir o menor esforço do timoneiro, que se ocupava apenas em mantê-la no curso.

O sol despontava anunciando que aquele seria, como dizia o velho adágio, mais um sábado ensolarado, Cândida lembrou-se que aquele sábado era o dia marcado para oficialmente tornar-se noiva do primo, quando receberiam a visita da família de seu tio Coronel Jacinto, e certamente seria um dia todo de festa, e à noite por força das circunstâncias, ficaria comprometida de forma irreversível em casamento com o primo Joaquim, e Clemente assistiria a tudo passivamente. Não, isso ela não suportaria, melhor que tudo tenha sido assim. Deus haveria de

abençoá-los, um dia seus pais a compreenderiam e a perdoariam.

Essa não fora a primeira vez, que navegantes daquele rio, aportavam suas canoas, no ancoradouro construído por Sr. Ari, depois de explicarem suas situações, eram convidados a almoçar ou jantar, e às vezes pernoitar, para se refazerem do cansaço, e depois seguirem suas viagens. Sr. Ari nunca aceitara nenhum tipo de pagamento, por prestar essas ajudas, às vezes aceitavam alguns presentes a título de recordação, à exemplo do que fizeram Clemente e Cândida, como dissemos, uma pequena lembrança, para servir de recordação.

Dizer que Sr. Ari e Dona Iracema eram imprudentes, permitir pessoas estranhas em sua casa, concordamos que de fato eram, mas como não tinham maldades em seus corações, acreditavam que todos eram como eles, e não suspeitavam de ninguém. Por isso atrás fizemos entender, que apesar de Ari ser filho de índios, ter nascido em uma aldeia, era uma pessoa especial, por que seu espírito era evoluído, embora não tendo condições financeiras, tanto ele como sua esposa Dona Ira, não se omitiam

em praticar incondicionalmente, a mais nobre das virtudes, a caridade. Acreditamos que pessoas como eles, estão protegidas por entidades espirituais, fazer o bem aos semelhantes, em qualquer circunstância, sempre será agradável a DEUS.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 16/08/2025.

Uma Decisão Repentina

Nunca Sr. Ari e Dona Ira, se arrependeram em ajudar as pessoas, que por alguma razão vinham bater em sua porta, pelo contrário, tornavam-se amigos dessas pessoas. Algumas delas em outras ocasiões, quando passavam pelo rio, não se omitiam em dar uma paradinha para revê-los, para eles isso era muito gratificante.

Quando as águas do rio abaixaram, anunciando que o ciclo daquela cheia havia terminado, Sr. Ari, Dona Ira e o filho Belo, conversavam sentados sob

a figueira, as margens do rio. Alguma coisa sugeriu a Ari, que dissesse a esposa e ao filho, sobre o segredo que até então guardara, a respeito da história que ouvira de Sr. Juan Vaqueiro, sobre a morte de Josué. Narrou com detalhe, o fim trágico da vida, daquele que foi o primeiro marido de Dona Iracema, e pai biológico de seu filho.

Dona Iracema, apenas comentou que aquele acontecimento era previsível, disse: – Sempre tive pressentimento que isso aconteceria, uma pessoa que não se alimentava, e vivia bêbado todos os dias, dormindo pelas ruas, não resistiria por muito tempo.

Depois disse ao marido: – Nessas últimas noites, tenho sonhado muito com meus pais, se fosse possível gostaria visita-los enquanto estão vivos, penso que já me perdoaram pelo que fiz a eles no passado, mas sei que para nós, isso seria muito difícil.

Sr. Ari perguntou: – Será que ainda moram no mesmo lugar, em que moravam?

— Nos sonhos que tive, a casa ainda era a mesma, tudo estava como quando de lá sai, apenas meus pais estavam mais envelhecidos.

Ari disse a ela: – Temos nossas economias, acredito ser suficiente para irmos visita-los, fazem seis anos que moramos aqui, sem nunca termos saído, poderíamos muito bem fazer esse passeio. Iríamos de barco até o vilarejo, deixaríamos lá em segurança nossa canoa, pegaríamos um transporte terrestre para Campo Grande, lá pegaríamos o trem para Ponta Porã.

Dona Iracema ficou pensativa, enquanto Belo ficou olhando para os dois, ouvindo interessado, a conversa com atenção, depois ela perguntou: – Você acha que isso seria possível?

— Você já me disse várias vezes, que seus pais moravam em uma vila, em terras brasileiras, não muito distante de Ponta Porã, por esse caminho, não será difícil chegarmos até lá.

— Ah meu amor, seria o melhor presente que poderia receber nessa minha vida, rever meus pais, e meus irmãos, permitir que conheçam a você e nosso filho, e poder dizer a eles, que depois que o conheci, sou a mulher mais feliz desse mundo.

Sr. Ari ficou todo comovido, e disse: – É só me dizer o dia que pretende sair, será minha maior ale-

gria, poder realizar esse seu sonho. Vou até a casa do Coronel Serafim, aviso a ele e a Dona Ana, que vamos viajar por alguns dias.

Dona Iracema perguntou: – Quem zelará de nossa horta, nossa roça e nossas galinhas?

— Não se preocupe com isso meu amor, visitar seus pais é mais importante.

— Então podemos ir amanhã?

— Perfeitamente, arrumamos as coisas hoje, aviso Coronel Serafim, e saímos pela manhã.

Belo perguntou: – Eu vou poder ir com vocês?

Sr. Ari disse ao filho: – Claro meu filho, você não ouviu sua mãe dizer, que quer que seus avós e seus tios, conheçam a mim e a você?

Belo ficou muito feliz, abraçou e beijou a mãe, e depois ao pai. E dessa forma ficou decidido, começarem realizar a viagem imediatamente, logo na manhã do dia seguinte. Enquanto Dona Iracema fora arrumar a mala, Sr. Ari foi avisar o Coronel Serafim.

Assim que chegou à casa do Coronel, foi logo dando a notícia que viajariam no dia seguinte, explicando que esse era um grande e antigo desejo

da esposa, rever os pais e os irmãos, então Coronel disse a ele: – Podem ir despreocupados, vou pedir a Sr. Nonô, para ir todos os dias lá em vossa casa, para tratar as galinhas, e aguar a horta. Se mal lhe pergunto, tem o dinheiro suficiente para a viagem?

— Temos sim Coronel, acho que será suficiente, vamos de trem.

Coronel Serafim olhou para esposa, e disse: – Donana, vá até nosso quarto e traga minha pasta de documentos.

Dona Ana imediatamente foi e voltou trazendo a pasta do Coronel, e lhe entregou, ele a abriu, retirou um maço de cédulas, separou algumas delas e disse ao Sr. Ari: – Sempre é bom viajar prevenido, não se sabe o que pode acontecer, esse é um presente para vossa viagem.

Sr. Ari não queria aceitar de nenhuma maneira, Coronel insistia, ele recusava pegar o dinheiro, Dona Ana intercedeu, dizendo: – Pegue esse dinheiro Sr. Ari, entrega a Iracema, diz que foi um presente meu a ela.

Somente assim Sr. Ari, num gesto balançando a cabeça, insinuando como não estava de acordo,

pegou o dinheiro das mãos de Dona Ana, e disse:
– Deus lhes abençoe, vou entregar a Ira e dizer o
que me pediu.

Chegando em casa, a primeira coisa que fez, foi
entregar o dinheiro a esposa, e dizer o que Dona
Ana pediu que dissesse, Dona Iracema ficou parali-
sada, o valor era bem relevante.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 16/08/2025.

Jardineiras Transpantaneiras

No dia seguinte pela manhã, uma terça-feira, antes que o sol saísse, a canoa de Sr. Ari, deslizava serena ao sabor da corrente do rio, em direção ao vilarejo, conhecido com Toca da Onça, Dona Iracema e o filho Belo, protegidos do sol, com camisas de mangas e chapéus nas cabeças, pela primeira vez acompanhavam Sr. Ari naquele trajeto, que a favor da correnteza, demoraria quase quatro horas, para se chegar ao povoado. Iam felizes sentados no mesmo banco da canoa, logo

à frente do banco do piloto, contemplando a paisagem entristecida, das duas margens do rio, ainda ressentidas pelo longo período que ficaram submersas, durante a cheia do rio. Vez e outra, avistavam ao longe, um casebre expelindo pela sua chaminé, um fio de fumaça esbranquiçada, denunciando que ali moravam pessoas, ou uma manada de gado, pastando entretidos, o capim do campo, que não fora atingido pela cheia do rio, que a natureza pródiga havia produzido. Sr. Ari concentrado, assim que a canoa diminuía a velocidade, acionava os remos, e a recolocava no epicentro da corrente do canal do rio. Passavam das dez horas da manhã, quando avistaram o pequeno aglomerado de moradias, que por não ter ainda um nome definido, era conhecido provisoriamente como “Toca da Onça”.

Sr. Ari que já conhecia a localidade, levou a canoa até uma espécie de ancoradouro particular, onde as pessoas deixavam seus barcos amarrados, sob a proteção de um vigilante, pelo tempo que desejasse, mediante pagamento de uma taxa diária, o proprietário

do ancoradouro se responsabilizava pela segurança da embarcação.

Próximo ao rio existia uma espécie de hotel e restaurante, tudo muito simples e precário, Sr. Ari levando na mão a valise, acompanhado da esposa e do filho, entraram e foram até a presença do proprietário. O Senhor moreno os recebeu, pelo seu linguajar era sem dúvida cuiabano ou corumbaense, cumprimentaram-se, Sr. Ari muito educado lhe perguntou se era possível pegar um transporte para Campo Grande, o senhor lhe disse que três vezes por semana, passava uma jardineira motorizada, da Viação Transpantaneira com destino a Campo Grande, a próxima passaria pelo vilarejo somente no dia seguinte, em torno do meio dia. Teria que comprar as passagens com antecedência, se deixassem para comprar na hora do embarque poderia não encontrar mais vagas, somente na sexta-feira passaria a próxima, o carro levava no máximo vinte passageiros e as respectivas bagagens. Sr. Ari fora até o local onde vendiam as passagens, e as adquiriu, perguntou quanto tempo demoraria

a viagem, o vendedor deu um sorriso sem graça, disse que não tinha previsão de quando chegaria, mas um dia certamente chegaria. Depois voltaram até ao hotel e reservou um quarto para passarem aquela noite.

Em seguida foram até o local onde serviam as refeições, deixou a valise próxima a uma mesa, pegaram os pratos, e foram até o fogão à lenha, se serviram e foram sentar à mesa e almoçaram, a qualidade da comida não era das melhores, como estavam com fome, comeram bastante, depois foram conhecer o quarto que havia reservado, com uma cama de casal e outra de solteiro. Deixaram lá a valise e foram dar uma volta, para que Dona Iracema conhecesse o armazém, de secos e molhados, onde costumava fazer suas compras, do mais, além da igrejinha, alguns botecos, isso era tudo que lá existia. Como não tinham o que fazer, voltaram ao quarto do hotel, para descansar.

Na quarta-feira almoçaram mais cedo e ficaram esperando pela tal jardineira, o mais interessante que Sr. Ari nem Dona Iracema até então, tinham

andado ou conheciam uma jardineira. Passavam do meio dia, quando começaram ouvir um barulho estranho, o pessoal comentava que a jardineira estava chegando.

A jardineira era algo muito inusitado, fixado em sua estrutura de metal uma escada também de metal, que dava acesso ao teto, ali existiam três compartimentos, um para as bagagens e dois para víveres, num viajavam os bípedes, aves em geral, galinhas, patos, perus e congêneres. O outro destinado aos quadrúpedes, porcos, cabritos, ovelhas e similares. Na parte interna as pessoas, os assentos também de metal, não oferecia o menor conforto. Mas para época tudo aquilo era um luxo inovador. Alguém explicava que essa empresa de transporte coletivo, denominada “Viação Transpantaneira”, havia importado da América ou da Europa, várias unidades dessas máquinas motorizadas, para viagens de longa distância. Na lateral propagava sua eficiência em letras enormes que diziam: VIAÇÃO TRANSPANTANEIRA LTDA – VIAJE RÁPIDO. Para época uma modernidade sem precedentes,

carroças e cavalos, agora seriam somente para pequenas distâncias.

O motorista ajudado pelo vendedor das passagens, começaram pegar as bagagens, e leva-las através da escada para o teto da jardineira, enquanto as pessoas começaram entrar e ocupar os assentos disponíveis, Dona Iracema e Belo sentaram juntos, enquanto Sr. Ari sentou mais atrás, depois de todos devidamente acomodados, o chofer entrou vistoriou a tripulação, recolhendo os tickets, pegou a manivela desceu, com a força dos braços fez girar o motor e ele funcionou provocando um barulho ensurdecedor, que foi amenizado quando o chofer entrou e fechou a porta, sentou na cadeira de comando, acionou a alavanca da engrenagem e pôs a jardineira em movimento, depois de viajar alguns quilômetros, muitos passageiros que nunca tinham viajado antes, como Dona Iracema e o filho Belo, começaram sentir tonturas, o chofer parou a máquina, e o pessoal desceu para vomitar, então o chofer orientou, que não iria parar mais, deixaria as janelas abertas e quando quisessem vomitar, é só

colocar a cabeça para fora, senão não nunca chegariam ao destino.

Depois de algumas horas de viagem, os passageiros foram se adaptando ao movimento e aos solavancos, superando o mal estar do início, para quem estava acostumado viajar de canoa pelos rios, a viagem de jardineira fora verdadeira tortura, que teriam que suportar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 17/08/2025.

O Reencontro com os Pais

Devido à precariedade das estradas, a viagem teria demorado quase dois dias para chegar ao seu destino, em todas vilas e povoados por onde passavam, alguns passageiros desembarcavam, e outros embarcavam, e a jardineira prosseguia com sua lotação máxima, até quando chegaram a rodoviária da cidade de Campo Grande. Lá Sr. Ari teria se informado, e foram caminhando até à Estação Ferroviária de Campo Grande, localizada no alto da Avenida Calógeras, depois de esperarem por várias horas, embarcaram

no trem com destino a Ponta Porã, na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Faz-se oportuno informar, segundo o Google, que essa Estação Ferroviária, teria sido inaugurada em 1914, e os trilhos da estrada de ferro, formavam um corredor de 17,9 Km, dentro do perímetro urbano, com 3 terminais e 17 estações, passando pelo centro da cidade. A partir de 1996, esse meio de transporte teria entrado em desuso, sendo desativado em agosto de 2004, com a retirada dos trilhos, muito embora, o prédio dessa estação continuar existindo, se encontra atualmente em estado de abandono.

Não obstante a viagem de trem ser lenta e monótona, o passageiro tinha a liberdade de levantar de seu assento e caminhar pelo interior do vagão, tornando a viagem menos estressante. Pela primeira vez, Sr. Ari, Dona Iracema e o menino Belo, conhecera e viajara de trem, considerando mais confortável que viajar na jardineira. O único inconveniente fora que o trem deixara a Estação quase ao anoitecer, e a viagem fora feita durante à noite, impedindo assim que Sr. Ari conhecesse e aprecias-

se, uma das regiões de terras mais férteis do Brasil, principalmente a região de Dourados, com sua agricultura diversificada.

Antes do amanhecer do dia, o trem havia percorrido 365 Km, e chegava à Estação Ferroviária de Ponta Porã. O vilarejo onde os pais de Dona Iracema moravam, quando ela fugiu com Josué para o país vizinho Paraguai, ficava distante 20 Km de Ponta Porã, à época não tinha um nome definido, mas depois quando se desenvolveu mais, e sua população aumentou, passou ser conhecido como Vila Sanga Puitã, provavelmente um nome indígena. Do lado Paraguai existe uma cidadezinha com o nome parecido, Zanja Pytã, os dois nomes procedem da língua indígena Guaraní.

Não saberíamos ao certo dizer que tipo de transporte Sr. Ari, alugou para leva-los até essa vila, provavelmente algum tipo de charrete tracionada por um animal. Não deveria ser dez horas da manhã, quando Iracema orientou o condutor, leva-los até determinada rua, e parar a frente de uma casa de madeira. Dona Iracema, desceu e bateu palmas em frente à casa, um Senhor cinquentenário, abriu a

porta, e ambos se reconheceram, ela correu incontinente ao seu encontro, e chorando, atirou-se em seus braços, dizendo: – O Senhor me perdoa, meu pai?

Sr. Geraldo Gaspar paralisado, um tanto encaulado, conseguiu dizer: – Você voltou minha filha, eu já lhe perdoei, há muito tempo.

Nisso apareceu Dona Antônia Gaspar, imediatamente se reconheceram, Dona Iracema atirou-se nos braços da mãe, lhe beijando o rosto, pedindo perdão a ela. Dona Antônia disse: -Obrigado por ter voltado minha filha, também fomos culpados, não precisa pedir perdão.

Sr. Ari ao lado do filho Belo, assistiam a tudo emocionados, Dona Iracema, disse aos pais: – Esses são, meu marido Ari, e nosso filho Belo.

Sr. Ari os cumprimentaram, com um abraço. Os dois abraçaram-se ao menino Belo, beijando repetidas vezes seu rosto.

Sr. Ari voltou à charrete, retirou a valise, pagou a corrida, agradeceu ao condutor, se despedindo e o liberando, para que retornasse.

Em seguida todos com lágrimas nos olhos, adentraram à casa, Dona Antônia perguntou à filha: – Mas esse não é Josué?

— Não minha mãe, esse é meu marido Ari. Josué morreu há seis anos.

Sr. Geraldo ouviu o que a filha dissera à mãe, mas não disse nada, Josué era bem diferente do índio Ari, Iracema perguntou à mãe: – E meus irmãos mamãe, como estão?

— Estão todos bem, nem vão acreditar que você está aqui, com seu filho e seu marido.

Faz-se oportuno esclarecer que Sr. Geraldo e Dona Antônia, tiveram cinco filhos, sendo dois homens e três mulheres, Iracema era a filha caçula, e foi criada com certa deferência, a forma como saiu de casa naquela época, causara muito sofrimento aos pais, era praticamente uma menina, tinha apenas quinze anos de idade, agora Dona Iracema contava com vinte e sete anos. Assim que se sentaram Sr. Ari perguntou ao Sr. Geraldo: – Vossos filhos moram todos aqui?

Sr. Geraldo respondeu: – Todos nossos filhos são casados, os dois filhos moram aqui mesmo na

vila, trabalham nos sítios, uma de nossas filhas, a mais velha que se chama Marlene, seu marido é paraguaio, tem um comércio, moram em Pedro Juan Caballero, a outra que é acima de Iracema, chama-se Cacilda, seu marido é funcionário da prefeitura, moram em Ponta Porã.

Iracema perguntou à mãe: – Quantos netos vocês têm ao todo agora, mamãe?

— Com o seu filho, temos agora onze netos, sete meninos e quatro meninas.

Sr. Geraldo perguntou à filha: – Então Josué morreu há seis anos? Quantos anos ele tinha quando morreu?

— Menos de trinta anos, meu pai. Vocês tinham razão quando proibiram nosso namoro, sofri seis anos ao seu lado, depois de um ano que estávamos juntos, me engravidei e ele começou beber e não mais quis trabalhar, a bebida o matou rapidamente. Para minha felicidade encontrei Ari, que é um marido de verdade, mudamos de onde morávamos no Paraguai, estamos morando a seis anos no Brasil, na região do pantanal, temos nossa casinha, e estamos muito felizes juntos.

Sr. Geraldo perguntou a Ari: – Você descende de índios paraguaios?

— Sou descendente de índios bolivianos, da etnia dos Chiquitano, deixei a tribo e minha família quando tinha dezesseis anos, construí uma canoa, e viajava pelos rios, fabricando e vendendo redes e tarrafas, consertando canoas de pescadores, até que conheci Iracema, então decidi mudar minha vida, estamos juntos a seis anos, como ela disse, hoje moramos no Brasil, na região do pantanal, e vivemos muito felizes.

Sr. Geraldo disse: – Então vocês moram muito longe daqui, como fizeram para chegar até aqui?

Iracema respondeu: – Moramos muito longe papai, para o Senhor ter uma ideia, saímos de nossa casa na terça-feira pela manhã, só hoje, sábado, chegamos aqui.

Dona Antônia levantando, disse: – Vou cuidar do almoço, já passam das dez horas.

— Eu ajudo a Senhora mamãe.

Sr. Geraldo também se levantando, falou: – Vou até as casas de nossos filhos, dizer que vocês chegaram.

— Eu e meu pai, podemos ir com o Senhor vovô?

Sr. Geraldo ficou admirado da maneira como o menino falou, e disse: – Podem sim, assim você começa conhecer seus tios e primos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 18/08/2025.

A Família de Iracema

E os três saíram em direção à rua, que era de terra batida, caminharam uns três minutos chegaram à casa de Messias, o filho mais velho, que quando Iracema fugira com Josué, já havia se casado com Eugênia, e tinham um casal de filhos pequenos. Sr. Geraldo foi entrando pelo portão, se dirigindo para os fundos da casa, acompanhado pelo Sr. Ari e o neto, todos estavam na varanda da cozinha, todos se cumprimentaram.

Sr. Geraldo perguntou ao filho: – Messias você pode imaginar quem são essas duas pessoas?

Messias deu uma risadinha e disse: – Não meu pai, não faço a menor ideia.

— Esse Senhor chama-se Ari, e esse menino chama-se Belo, ele é marido de Iracema, e o menino seu filho.

— Iracema voltou?

— Acabaram de chegar, ela está lá em casa, ajudando sua mãe preparar o almoço.

Messias se aproximou de Ari e o abraçou, depois abraçou ao sobrinho, em seguida apresentou a eles, sua esposa Dona Eugênia e os dois filhos adolescentes, Anderson e Angélica. Depois perguntou ao pai: – Marlene e Cacilda já estão sabendo que Iracema voltou?

— Ainda não, precisamos dar um jeito, para avisá-las.

Messias um pouco constrangido, perguntou ao pai: – Iracema separou-se de Josué?

— Explique a ele Ari, o que aconteceu a Josué.

Ari imediatamente explicou: – Josué faleceu a seis anos, o conheci bêbado nos bares, depois Ira-

cema vai contar a vocês, com suas palavras, como foi sua vida, durante o tempo que viveu com ele, a coitada trabalhava de empregada doméstica, para não passar fome.

Messias desabafou: – Quando ele morava aqui nessa vila, já era assim, bebia e não trabalhava, então o menino é filho dele?

— Josué era tão irresponsável, que não teve capacidade de registrar o próprio filho, quando Iracema foi morar comigo, assim que viemos para o Brasil, registramos em nosso nome, portanto eu sou o pai e o responsável por ele.

Com essa declaração, e a maneira amigável como se relacionava com o filho, Sr. Ari estava conquistando a simpatia dos familiares de Iracema. Sr. Geraldo disse ao filho que iriam até a casa de Joel, avisa-lo da chegada da irmã. Joel mais jovem que Messias e Marlene, era casado com Eunice, tinham apenas uma filha, com seis anos de idade, que se chamava Jussara. Caminharam mais uns três minutos já estavam na casa de Joel. Assim que chegaram, foram se cumprimentando, entraram na casa do filho, Sr. Geraldo foi dizen-

do: – Esse Senhor chama-se Ari, é seu cunhado, marido de sua irmã Iracema, e esse menino seu sobrinho, filho deles.

Com todas aquelas revelações despejadas repentinamente, Joel demorou entender, só então lembrou-se da irmã caçula, que se chamava Iracema, e havia fugido de casa, mas tinha algo que não estava batendo, pelo que sabia a irmã teria fugido com Josué, e não com um índio. Então perguntou ao pai: – Iracema se separou de Josué?

— O infeliz morreu já fazem seis anos.

Só então Joel compreendeu a situação. Abraçou o cunhado e ao sobrinho, e perguntou:

— Onde está Iracema?

— Ficou ajudando sua mãe com o almoço, que a essas horas deve estar esfriando. Já estamos indo, vá lá depois para ver e conversar com sua irmã.

Esse era o jeito de Sr. Geraldo, não gostava ficar muito tempo fora de casa, mal chegava já dizia que estava voltando, porém Joel o impediu que fosse embora dizendo: – Vou lá somente quando voltar de Ponta Porã, vou até lá com um amigo, para resol-

ver um problema de dinheiro, assim que voltar vou até lá com Eunice.

Sr. Geraldo se lembrou, disse a ele: – Dê um pulo nas casas de suas irmãs, avise elas, que Iracema está aqui em casa, com seu marido e com seu filho. Assim ficam todos sabendo, foi muito bom ter vindo até aqui, antes que saísse.

Nesses doze anos que Iracema estivera fora de Vila Sanga, a vila até que havia melhorado bastante, devido ao aumento da população, à exemplo da família de Sr. Geraldo Gaspar, os filhos depois de casados, passavam morar ali mesmo, em suas próprias casas, quando as filhas casavam com rapazes de outras localidades, quase sempre deixavam a vila, para acompanharem seus maridos, fora o caso das filhas de Sr. Geraldo e Dona Antônia.

Quando Sr. Geraldo chegou em casa, na companhia do agora seu genro Ari, e de seu neto Belo, o almoço havia acabado de ficar pronto, por tanto, a comida deveria estar bem quente. Pela fisionomia alegre de Sr. Geraldo, demonstrava estar muito feliz com a presença dos visitantes. Provavelmente

naquele final de semana, sua casa ficaria cheia, com a visita das famílias dos outros filhos. O interessante que agora, dois estrangeiros faziam parte de sua família, o índio boliviano Ari Cucuio, e o comerciante paraguaio Pablo Rojos. Certamente os dois haveriam de se entender muito bem, pelo menos falavam a mesma língua.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 18/08/2025.

Mistérios do Amor

Sr. Ari fizera um balanço do que haviam gastado, para virem de sua casa até ali, percebeu que não haviam gastado o que imaginou que gastariam, depois do almoço chamou o sogro em particular, e deu-lhe uma boa quantia em dinheiro, à título de contribuir com as despesas, pela estadia de sua família em sua casa, Sr. Geraldo dissera a ele, que não seria necessário, mas Ari insistiu e acabou por convencê-lo aceitar a ajuda. Coisa que os outros genros, e os próprios filhos, nunca se preocuparam em fazer, elevando sua consideração

por Ari. Naquela mesma tarde Sr. Geraldo convidou a esposa Dona Antônia, para irem ao armazém, fazerem uma boa compra, para suprirem as prateleiras de sua despensa, com alimentos para vários dias.

Para o jantar estavam presentes à casa de Sr. Geraldo, os filhos Messias e Joel, com suas respectivas famílias. A previsão que no domingo, toda família estaria presente, por que foram avisados por Joel, que a irmã Iracema, o marido e o filho, vieram visita-los.

No domingo pela manhã, primeiro chegaria a Vila Sanga, à casa de Sr. Geraldo, o genro que trabalhava como funcionário da prefeitura, se chamava Sr. Ricardo marido de Dona Cacilda e seus quatro filhos, sendo dois meninos e duas meninas. A casa adquiria um clima de festa e alegria. Logo depois chegava Pablo Rojos, o comerciante paraguaio, marido de Dona Marlene e seus três filhos, todos meninos.

Dona Iracema prevendo que seria necessário, contar toda história, de como havia conhecido Sr. Ari, por várias vezes, havia previamente combinado com ele, que omitiriam o fato de terem fugido,

abandonando Josué, a história que decidiram contar, acontecera mais ou menos assim:

“Apesar de morarem no mesmo barraco, ela e Josué não viviam mais como marido e mulher, depois de sua morte, ao acaso conhecera Ari, e começaram conversar, ele teria falado a ela que iria embora naquela mesma tarde, que sua canoa o esperava, amarrada em uma árvore à beira do rio, ela teria dito a ele, se pudesse também sumiria daquele vilarejo com o filho, Ari a teria convidado ir embora com ele, como havia gostado dele, aceitou seu convite, foram até o barraco em que morava, ela e o filho se agasalharam bem, depois colocou suas roupas e as do filho em um saco, fechou o barraco. Ari teria colocado Belo montado em seu pescoço, ela levando o saco de roupas sobre os ombros, caminharam cinco quilômetros por uma estrada, até chegarem onde estava a canoa, como estava anoitecendo, decidiram pernoitar em um alojamento para pescadores, que existia às margens do rio. Na manhã seguinte levantaram bem cedo, tomaram o café da manhã, entraram no barco e começaram viajar, descendo pelo rio.”

Daí para frente não haveria motivos para mudar o curso da história, cada dia que se passava, mais apaixonados ficavam um pelo outro, a seis anos viviam uma linda história de amor. O que de fato era verdade. Não obstante faltarem com a verdade, sobre um detalhe irrelevante, de como tudo teria acontecido, não constitui assim, uma mentira comprometedora.

Em nossa opinião Sr. Ari e Sr. Pablo, tinham tudo para se entenderem, o que não aconteceu, não sabíamos que o paraguaio, apesar de ser comerciante, era um tanto ignorante, pelo fato de ter tido alguns anos atrás, desentendimentos com índios paraguaios, em seu estabelecimento comercial, e teria levado alguns sopapos, por essa razão, dizia que não gostava dessa raça de gente, tanto que mal cumprimentou Ari, depois não mais se aproximou dele. Então Ari ficou sabendo, através de Dona Marlene, o motivo da hostilidade do marido.

Como dissemos o domingo fora um dia de festa na casa de Sr. Geraldo. Depois do almoço formou-se um pequeno círculo com homens, mulheres e jovens, todos da família, sentados em cadeiras, para

ouvir as histórias de Ari. Então teve oportunidade de narrar, suas façanhas de pescador, e outras aventuras vivenciadas ao longo dessa existência, com bichos da água, e feras do mato, tudo nos mínimos detalhes, com sua maneira engraçada de narrar, provocando boas gargalhadas, principalmente da meninada. Para encerrar, revelou como conheceu Dona Iracema, e a maneira como aconteceu seu romance, como se ela o estivesse esperando o tempo todo, e conheceram a felicidade, no instante que se encontraram, desde então sua vida passou ter outro significado. Essas proezas Sr. Ari, costumava contar aos funcionários da fazenda do Coronel Serafim, quando convidado para almoçar em sua casa, em dias de domingo, e todos gostavam, e se divertiam em ouvi-lo.

Não obstante os filhos de Sr. Geraldo, como também seu genro Ricardo, gostarem de tomar moderadamente cerveja, ou uma cachacinha, em sua casa era terminantemente proibido. Sr. Geraldo dizia sem nenhum constrangimento, se quisessem beber fossem para suas casas. Como Ari não bebia sob nenhuma hipótese, aumentava ainda mais, a

consideração e o respeito, do sogro pela sua pessoa. Como já fizemos entender, Sr. Ari era uma pessoa ainda jovem, com pouco mais de trinta anos, muito simples, apesar de não possuir instrução escolar, se comunicava bem, de maneira engraçada, tinha enorme facilidade para cativar as pessoas.

Nas conversas de Iracema com a mãe, irmãs e cunhadas, em nenhum momento se queixara do marido, quando se referia a ele, era sempre com muito carinho, dando entender que era muito feliz ao seu lado, que o amava muito. Ao contrário das irmãs e das cunhadas, que reclamavam acintosamente dos maridos, que não davam atenção a elas, e deixavam muito a desejar, em certos particulares, com seus modos rudes e grosseiros. Estavam sempre mal humorados e carrancudos, enquanto Sr. Ari, estava sempre alegre e sorridente.

Se analisássemos as vidas de suas irmãs e cunhadas, perceberíamos que gozavam de mais confortos e facilidades, quanto as condições materiais, moravam em casas de alvenarias, com energia elétrica, água encanada, fogão a gás, tinham boas roupas e calçados. Enquanto Dona Iracema, morava em um

casebre, sem energia, tirava água do poço, cozinhava em fogão à lenha, se banhava na água fria do rio, ajudava o marido nas pescarias, trabalhava na roça, cuidava da horta e das galinhas. Não se importava com roupas e calçados. Por essas e outras dissemos alhures, que a felicidade é algo muito sutil, um estado de espírito, que proporciona alegria de viver, se não for devidamente cuidada, poderá ser volátil e fugidia.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 19/08/2025.

A Nostalgia de uma Viagem de Trem

No final do domingo, todos foram para suas casas, ficando somente Ari e Iracema na casa dos pais, Sr. Ari dissera ao sogro, que gostaria em um dia daquela semana, ir até a cidade de Pedro Juan Caballero, fazer uma boa compra de linhas, anzóis, chumbadas, e outros apetrechos para pescas, como também algumas ferramentas de pequeno porte, para trabalho, que lá os preços eram bem mais favoráveis que em qualquer cidade brasileira.

Sr. Geraldo explicou que ele tinha razão, na cidade paraguaia, nas lojas maiores, os preços das mercadorias eram fixados em dólares americanos. Conforme a cotação do dia, as mercadorias tornavam-se bem acessíveis, que se fosse possível também gostaria de ir até lá, para comprar algumas besteiras que também estava precisando.

Para o leitor que desconhece esse local, as cidades de Ponta Porã no Brasil. e Pedro Juan Caballero no Paraguai, formam uma única área urbana, separadas por uma avenida, chamada Avenida Internacional, sem nenhum tipo de barreiras, tornando o acesso e o trânsito livre entre as cidades gêmeas. Não obstante os produtos das lojas no Paraguai, serem demarcados em dólar ou guarani, a moeda brasileira é aceita em todo comércio sem nenhuma restrição, basta fazer a conversão, de acordo com cotação do câmbio do dia. Com um detalhe, na cidade paraguaia, o comércio de rua, ou ambulante, é muito intenso, e diversificado, tornando-as congestionadas de pedestres, impedindo em alguns pontos o trânsito de veículos. Outro detalhe facilmente perceptível, os idiomas português e espanhol

se misturam, formando o portunhol, interpretado facilmente por todos.

Na quarta-feira Sr. Ari, a esposa e o filho, acompanhados de Sr. Geraldo e Dona Antônia, foram fazer a viagem que programaram, para fazer as compras que desejavam, e também visitar e conhecer as casas das irmãs de Iracema, Cacilda em Ponta Porã e Marlene em Pedro Juan Caballero, porque no sábado intencionavam iniciarem a viagem de volta. O passeio correu tudo bem, realizaram as compras, e visitaram as filhas em suas casas, só não tiveram tempo para visitar e conhecer o estabelecimento comercial de Pablo.

Chegando em casa Sr. Geraldo conversando com Ari, cogitou a possibilidade de venderem suas coisas no pantanal, e virem morar em Sanga, com pouco dinheiro, comprariam uma casinha para morar, e passaria trabalhar com os cunhados. Sr. Ari dissera ao sogro, que apesar de ter gostado muito do lugar, não intencionava deixar o lugar que moravam, que tinham o necessário para viverem tranquilos e felizes, principalmente em consideração as amizades que lá fizeram.

Não satisfeito com a resposta do genro, Sr. Geraldo quis saber a opinião da filha sobre o assunto, Iracema disse ao pai: – Apesar de estar longe de vocês, eu gosto do lugar e das pessoas de onde moramos. Penso como meu marido, estamos felizes onde moramos, estamos vivendo no lugar, e da maneira que escolhemos para viver.

Se a resposta de Iracema não agradou ao pai. Sem dúvida o fez compreender, que estavam felizes vivendo da maneira, e no lugar que escolheram para viver, isso era o que importava.

Sr. Ari conversando com a esposa, decidiram passar mais um final de semana com os pais, e irem embora somente na segunda-feira, essa decisão alegrou muito a eles, como as irmãs que moravam fora não vieram, tiveram mais privacidade com Sr. Geraldo e Dona Antônia, prometeram que não passariam mais muito tempo sem visita-los, que as despesas de viagem não eram tão expressivas como imaginaram. No domingo à noite, Iracema conversando com a mãe, a exemplo do que fizera Ari, ao Sr. Geraldo, deu a ela uma parte do dinheiro que ganhou de Dona

Ana, Dona Antônia ficou muito feliz com o presente, agradeceu muito a filha.

Outro detalhe que achamos oportuno registrar, que até então, Dona Antônia nunca recebera à título de presente, assim também como seu marido, nenhum dinheiro, por parte das filhas ou dos filhos, não que eles não tivessem condições de ajudar, mas por serem pessoas, não caridosas, assim como eram Sr. Ari e Iracema.

Na segunda-feira Sr. Ari, Dona Iracema e o filho, despediram dos parentes que moravam em Sanga, e começaram a viagem de volta. Depois de muito esperarem pela saída do trem, passavam das onze horas da manhã, quando deixaram a Estação Ferroviária, felizmente teriam oportunidade de ir apreciando a paisagem da região, muito diferente da região pantaneira onde moravam, fazendas bem estruturadas e organizadas, as pastagens com grande quantidade de animais, os campos todos cultivados, demonstrando ser aquela região muito rica e próspera.

A viagem de trem durante o dia é mais aproveitada, os passageiros contemplam através das janelas,

a beleza da paisagem, próximas aos trilhos por onde o trem passa. O trem em seu ritmo contínuo, provocando sua cantilena monótona, ainda ao longe, quando se aproxima da estação de um povoado, acionava sua sirene, que emite um som estridente, ou um apito agudo, anunciando que logo estará chegando, de repente os freios são acionados, ouve-se o ranger do atrito das rodas do trem, friccionando contra os trilhos de aço, pressionadas pela força do ar comprimido, impulsionado pelo sistema de freios, fazendo diminuir sua velocidade, até cessar seu movimento, tão logo os passageiros entram nos vagões, e se acomodam nas cadeiras, ouve-se o badalar de um sino na plataforma da estação, anunciando que todos os passageiros embarcaram, autorizando sua partida, logo em seguida o maquinista novamente aciona as sirenes, avisando sua saída. O sistema de freios acionada novamente, o ar é liberado, provocando violentos espirros, libertando as rodas. Em seguida os motores são acelerados, soltando pela chaminé, baforadas de fumaças negras, resultado da queima de grande quantidade de combustível, para gerar força necessária para

colocar o trem em movimento, o trem lentamente começava se mover, impulsionado por um complexo conjunto de forças orquestradas, fazendo ranger toda composição, ao tempo que começa empurrar milhares de toneladas, de ferros, pessoas e cargas, em pouco tempo readquiri sua velocidade anterior, e os motores voltam receber aceleração normal.

Não obstante em nosso país, quase não mais existirem linhas de trens de passageiros, quem experimentou esse meio de transporte, mesmo que tenha sido na infância, dificilmente irá se esquecer, e sentirá uma espécie de nostalgia. Sr. Ari, Dona Iracema e o menino Belo, nunca antes tinham visto um trem, ou viajado de trem, na viagem de ida para Ponta Porã, como viajaram durante à noite, e estavam muito cansados, não perceberam devidamente, a satisfação de se realizar uma viagem de trem. Na viagem de volta, saíram as onze horas da manhã, estavam felizes por terem visitados os parentes, e terem sido tão bem recebidos, haviam almoçado mais cedo, estavam descansados, então puderam sentir o prazer que uma viagem de trem, pode proporcionar aos passageiros, as pessoas que conversaram e co-

nheceram, as histórias que ouviram, a brisa suave e o perfume do mato entrando pelas janelas, as lindas paisagens que avistaram próximas ou ao longe, as vilas e as cidades por onde passaram, os rios e os riachos que cruzaram, para eles uma experiência que ficaria marcada indelevelmente em suas memórias.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 21/08/2025.

Ari e Ira, Pais Possessivos

A desinformação sempre atrapalha a vida das pessoas, quando passaram pela rodoviária de Campo Grande, não perguntaram quais dias da semana, saíam jardineiras para fazerem a viagem de volta. O trem chegara a Estação Ferroviária de Campo Grande, dez horas da noite, Sr. Ari procurou uma pensão nas imediações para passarem a noite, no dia seguinte levantaram bem cedo, ao chegarem à rodoviária, ficaram sabendo que jardineira para o pantanal, somente as segundas, quartas e sextas.

Então teriam que pernoitar mais uma noite na cidade, para somente viajarem na quarta-feira, por essa razão a viagem de volta, fora mais demorada e dispendiosa, mas Sr. Ari aceitou a situação sem reclamar, reconheceu que fora uma falha de sua parte, não ter se informado.

Como dissemos a viagem de jardineira, por aquelas estradas precárias não proporcionavam nenhuma espécie de satisfação, devido à distância, a demora, e o desconforto. Chegaram ao vilarejo Toca da Onça, as quatro horas da tarde da quinta-feira, alquebrados e cansados, Sr. Ari preferiu enfrentar a corredeira do rio, remando com as forças dos braços, por mais quatro ou cinco horas, que dormir naquela cama desconfortável do hotel do cuiabano. Para se navegar contra a corrente de um rio, deve-se navegar mais pela margem, onde praticamente não existe correnteza. Dona Iracema assim que entrou na canoa, se apossou de um dos remos, e o ajudou remar, mesmo assim, quando aportaram a canoa ao ancoradouro sob a figueira centenária, eram nove horas da noite, a lua cheia ia alta no céu, majestosa, iluminando os caminhos. Dona Iracema

acordou Belo, que se acomodou na canoa, e dormiu assim que começou escurecer, Sr. Ari amarrrou a canoa, pegou a valise e a sacola com as coisas que haviam comprado, e foram todos para casa.

Quando Sr. Ari e Dona Iracema deitaram na cama para dormir, fora como tivessem voltado para o paraíso, embalados pelo som da natureza, nem perceberam quando dormiram, só acordaram com o cantar dos galos, que estavam no galinheiro próximo à casa. A lua cheia havia percorrido todo espaço celeste, e o sol não demoraria aparecer com sua potência de luz, para iluminar o mundo. Assim que levantaram foram conferir se estava tudo normal, encontraram tudo como haviam deixado. Então Dona Iracema fora toda feliz e despreocupada coar o café, para depois irem visitar a roça, para que as plantações soubessem, que eles haviam retornado.

Logo depois apareceu por lá Sr. Nonô, que viera tratar as galinhas e molhar a horta, como fazia todos os dias, como orientara o Coronel, depois de abraça-lo cumprimentando, Sr. Ari não sabia o que fazer para agradece-lo, pediu que o

acompanhasse e sentasse em uma cadeira próxima à mesa, que havia sob a mangueira do quintal, entrou à casa, trouxe enorme sacola com os apetrechos de pesca que havia comprado, despejou sobre a mesa, e fora mostrando ao amigo, e revelando o preço que havia pagado, com o valor de uma caixa de anzol no Brasil, comprava-se cinco idênticas no Paraguai, o mesmo com as linhas e os chumbos. Sr. Nonô ficou sem saber se deveria acreditar ou não, então Sr. Ari fora abrindo as caixas de anzóis, que eram de diversos tamanhos, retirando uma porção deles, de cada caixa, e colocando em uma outra caixa, alguns carretéis de linhas, e chumbos de pesos variados, colocou tudo na caixa, e deu ao Sr. Nonô, que ficou sem saber se deveria aceitar ou não, aquele exagero de tralhas de pesca, então disse ao Sr. Ari: – Vou ter que repartir com meus companheiros esse horror de anzóis e linhas.

— Não são tantos assim. Acredito que agora não precisarei comprar anzóis e linhas, por muitos anos, o preço era tão bom, que deveria ter comprado ainda mais.

Sr. Nonô perguntou a Ari: – Porque será que existe essa diferença de preços, do Brasil para o Paraguai?

Sr. Ari pensou, depois respondeu: – Pelo que ouvi meu sogro e meus cunhados comentarem, o Brasil é um dos países que tributam os produtos, com os maiores impostos do mundo. Uma caixa com cem anzóis, o imposto paraguaio representa o valor de um anzol, a mesma caixa com cem anzóis, o imposto brasileiro representa o valor de mais de quarenta anzóis.

Sr. Nonô ainda sem compreender por que isso acontecia, perguntou: – Isso é bom ou ruim para o Brasil?

Sr. Ari tirando suas próprias conclusões, opinou: – Penso que é muito bom para a bolsa do governo, e muito ruim para os bolsos dos brasileiros. Que deixam de comprar em seu país, para ir comprar no outro.

Para encerrar a conversa, por que Sr. Nonô tinha trabalhos a fazer, disse ao amigo: – Sr. Ari obrigado pelo presente, mas preciso cuidar da vida, dê um pulo na fazenda no domingo, para nos con-

tar como foi vossa viagem, todos vamos gostar saber como é a vida lá fora, aqui vivemos isolados do mundo.

Sr. Ari ficou pensativo, depois disse: – E se eu lhe disser que esse lugar em que moramos, é o melhor do mundo.

Então foi a vez de Sr. Nonô ficar pensativo, disse: – Já ouvi pessoas dizer, que quando o diabo passou por aqui, sentiu tanto medo, que saiu em disparada, e teria perdido por aqui suas botinas.

E saiu dando gargalhadas. Em verdade Sr. Nonô não precisava ter convidado Sr. Ari, para ir à fazenda no domingo. Ele e Dona Iracema já haviam combinado, que no domingo depois do almoço, iriam visitar o Coronel e Dona Ana, e os demais moradores da fazenda. Dona Iracema não esquecera de comprar lá no Paraguai, um presente para Dona Ana, afinal fora comprado, com uma fração do dinheiro que a havia presenteado.

Quando Sr. Ari dissera ao Sr. Nonô, que aquele lugar era o melhor para se viver, estava sendo sincero, por que morar ali fora uma escolha dele e da esposa, diferente dos outros moradores, que

estavam ali para trabalhar e sobreviver. E nem todos eram espíritos desapegados como eles. Não obstante Sr. Ari e Dona Ira, serem igualmente espíritos desapegados materialmente, um detalhe que acontecera que deixara transparecer que o casal era excessivamente possessivo, que até então não conhecíamos, teria sido o motivo que levou o pai de Dona Iracema, Sr. Geraldo, pedir para que se mudassem para Sanga, pelo fato de o menino Belo, com quase onze anos de idade, nunca ter frequentado a escola, enquanto todos os outros netos, estavam estudando.

Quando Sr. Geraldo dissera, que o menino Belo, precisava estudar, como as outras crianças, Sr. Ari e a esposa Dona Iracema, consideraram que o estudo não era assim tão necessário, muitos homens pais de famílias, mesmo não sabendo ler e escrever, eram pessoas honestas, trabalhadores, respeitadas e ganhavam até muito bem, viviam tranquilos e felizes. A exemplo dele, que nunca frequentara uma escola, nem por isso, se considerava uma pessoa inferior as outras. Outro argumento usado por Ari, para convencer ao sogro e a sogra, dissera que o

fato de se morar em uma vila, não era garantia que a criança se adequaria aos estudos, muitas crianças das cidades, tornavam homens e mulheres analfabetas, nem por isso, deixam de ser pessoas como as demais.

Sr. Geraldo chegou ao ponto de pedir que deixassem o neto morando com eles, que eles dariam todas as condições, para que o neto estudasse. Essa proposta teria magoado, e até ofendido profundamente Sr. Ari, e também Dona Iracema, e fez revelar o quanto eram apegados ao filho, voltarem para casa sem o menino, jamais aceitariam. Belo era a razão da felicidade deles, preferiam cria-lo analfabeto, a privarem-se de sua presença em suas vidas. Para não complicar as coisas, Sr. Geraldo pesaroso recuou, percebera que sob nenhuma hipótese, abriam mão da companhia do filho.

Isso nos fez concluir o quão é complexo o espírito humano, Sr. Ari e Dona Iracema, até então demonstraram serem pessoas sem ambições materiais, seriam capazes de compartilhar o pouco que possuíam, desejavam somente o necessário para viver. Mas com relação ao filho Belo, eram extrema-

mente egoístas e possessivos, consideravam o filho como propriedade inalienável, pertencia somente a eles. Não entendiam que o filho, estava vivendo em outra época, onde o estudo elementar era uma necessidade, que o filho em breve teria que enfrentar a realidade de um mundo, cada vez mais concorrido, que teria que começar preparar-se ainda criança para os desafios que a vida, certamente lhe apresentaria no futuro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 22/08/2025.

De Volta a Velha Rotina

Outro fato que achamos pertinente registrar: Não obstante Coronel Serafim e Dona Ana, serem ricos, considerados pessoas boas, simples e humildes, de certa forma até influentes, nunca tiveram iniciativa de oferecer condições, para que os filhos de seus empregados, frequentassem uma escola. As crianças ali eram todas analfabetas, assim como a maioria de seus pais, sempre fora assim, e nada se fazia para mudar essa situação. Muito embora os três filhos do Coronel e de Dona Ana, foram estudar fora, quando eram

ainda crianças, se formaram, tornaram-se profissionais liberais, trabalhavam na cidade, muito raramente vinham visitar os pais.

Infelizmente o descaso das autoridades, e das pessoas que têm condições para mudar a realidade da educação em nosso país, persevera, e o analfabetismo continua sendo aceito naturalmente, como se fosse um privilégio para ricos e moradores urbanos. Para Sr. Ari e Dona Iracema, como para todos os casais que moravam na fazenda do Sr. Serafim, o fato dos filhos crescerem analfabetos, não os preocupavam em absoluto, ainda entendiam que escola era somente para os ricos.

No domingo depois do almoço, Sr. Ari, acompanhado da esposa e do filho, foram até a sede da fazenda do Coronel Serafim, assim que chegaram foram cumprimentados, e bem recebidos pelos donos da casa, Coronel acompanhado por Sr. Ari, se dirigiram para os bancos de madeira, sob enorme árvore existente próxima à varanda da cozinha. O menino Belo saiu em disparada, em direção às casas dos empregados, para rever os amigos e depois brincarem. Enquanto Dona Iracema acompanhou

Dona Ana, para o interior da casa, sem cerimônias, Dona Iracema foi dizendo:

— Dona Ana primeiramente queria agradecer a Senhora, fiquei muito feliz com o presente que me mandou, prometi a mim mesma que traria uma lembrancinha para Senhora. Quando estivemos na cidade de Pedro Juan Caballero, acompanhados pelos meus pais, passamos em frente uma loja, lembrei-me e resolvemos entrar, gostei de uma toalha de mesa, comprei para a Senhora usar em vossa mesa da varanda, espero que também goste dela.

Retirou a toalha da sacola e entregou a Dona Ana, que a pegou e ficou analisando, o tecido e os desenhos, depois disse: – Obrigado Iracema, você tem muito bom gosto, essa toalha além de ser muito boa, grande, é muito bonita. A muito tempo atrás tive uma dessas, fiquei sabendo que são confeccionadas à mão, pelas índias bolivianas, vamos coloca-la sobre a mesa, para experimentar, mas vou usa-la somente em ocasiões especiais.

Estenderam a toalha sobre a enorme mesa de madeira maciça, que pareceu ter sido feita sob medida, Dona Ana a abraçou agradecendo novamente,

e disse: – Vou deixa-la sobre a mesa para que Serafim veja. Vamos sentar, para me contar como foram de viagem, se seus pais estão bem, e tudo mais que aconteceu.

Assim que Coronel Serafim e Sr. Ari, sentaram sob a sombra a árvore, Coronel perguntou: – E aí Sr. Ari, encontraram tudo em ordem quando chegaram?

— Perfeitamente em ordem Coronel, gostaria agradecer ao Senhor por ter encarregado Sr. Nonô, para zelar de nossas galinhas e da horta enquanto ficamos fora, como disse ao Sr. Nonô, esse lugar é abençoado, muito bom para se viver, apesar de nossa casa estar na beira do rio, ninguém mexeu em nada.

— Mas nem sempre foi assim, principalmente nas épocas de secas prolongadas, caçadores vindos de outras regiões, além de matar jacarés, capivaras, entre outros animais, matavam gado das fazendas, e muitas vezes por pura maldade ateavam fogo no capim seco, causando verdadeiras catástrofes, o incêndio propagava pelo vento, dizimando tudo que encontrava, só era debelado quando chegava a margem de um rio, ou quando chegassem as primeiras chuvas, ao ponto dos fazendeiros nessas épocas,

contratarem seguranças armados, para vigiarem e protegerem seus pastos e rebanhos, mas isso aconteceu há muitos anos atrás.

— Fazem quantos anos que o Senhor mora nessa região?

— Fui nascido e crescido nessa região do pantanal, vim para esse lugar, a mais de trinta anos, meu finado pai havia adquirido a carta de posse dessas terras, então quando me casei com Dona Ana, eu tinha à época vinte anos, ela dezesete anos, meu pai encarregou-me, mudar para aqui, com mais duas famílias, para começarmos arrumar as coisas, que se encontravam abandonadas, pelo proprietário anterior, que não morava distante daqui, logo trouxemos um pequeno lote de vacas e um touro, e começamos criar gado, foi nessa época que tivemos alguns problemas com os caçadores de jacarés.

Sr. Ari perguntou: – Matavam os jacarés para comer?

— Não, somente para retirar o couro. Para comer matavam gado dos fazendeiros. Mas conta-me o que viu por esse mundo sem fim?

Nisso foram chegando os empregados da fazenda, cumprimentando o Coronel e Sr. Ari. Um deles disse ao Sr. Ari: -Obrigado pelos anzóis, compadre Nonô repartiu com a gente, os anzóis, as linhas e os chumbos que ganhou, disse que havia comprado no Paraguai.

— Por que Sr. Nonô não veio?

— Logo estará aqui. Viemos para que nos conte, como foi vossa viagem, ficamos sabendo que esteve até no Paraguai, por isso achamos que não voltariam mais.

— Enquanto Coronel Serafim permitir, continuaremos morando por aqui, por que é aqui estão nossos amigos. Vamos esperar os outros chegarem, então vou começar contar como foi nossa viagem. Em verdade a família de Ira, meu sogro, minha sogra e meus cunhados moram no Brasil, mas fica bem próximo à fronteira com o Paraguai, como lá não existe rio, a fronteira é seca, a cidade de Ponta Porã no Brasil, e a cidade de Pedro Juan Caballero, formam uma só cidade, separadas apenas por uma avenida. O Coronel já esteve lá?

— Não, nunca fui por aqueles lados, conheço a Capital Cuiabá, e já estive em Campo Grande. três

vezes, mas não pretendo voltar. A não ser se for de avião, por que de jardineira, de Toca da Onça até lá, acho que não aguento mais, por ser muito distante e demorada, devido as estradas não serem apropriadas para carros motorizados.

Sr. Ari fez um comentário, com base em conversas ouvidas, durante a viagem de volta, quando passava pela região de Dourados: – Pelo que ouvi, e pude observar, as terras da região de Dourados, são consideradas como as mais férteis e produtivas do Brasil, por isso são muitas valorizadas.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 24/08/2025.

Hábito de Preguiçoso

Assim que os demais funcionários da fazenda chegaram, que ao total eram sete famílias que ali moravam, sem contar a família do Coronel, que se resumia nele e na esposa, embora tivessem três filhos, esses raramente visitavam os pais na fazenda. Coronel Serafim e Dona Ana, justificavam a ausência dos filhos, dizendo que era muito difícil, saírem da cidade onde moravam para visita-los naquele fim de mundo, devido à falta de transportes. Quando tinham férias no trabalho, preferiam passear nas praias no litoral.

Sr. Ari começou narrar a história de sua viagem, no momento em que a esposa, Dona Iracema externou seu desejo de rever sua família, que a mais de doze anos não via, disse não ter pensado duas vezes, imediatamente decidiu que realizaria o sonho da esposa, e fora percorrendo os acontecimentos de acordo como foram se sucedendo. Cujo roteiro já conhecemos, e que ora recapitulamos:

Sua ida a casa do Coronel, a viagem pelo rio, a estadia em Toca da Onça, a viagem na jardineira, a chegada em Campo Grande, a viagem de trem e a chegada a Ponta Porã. Nesse ponto o sol da tarde já havia descambado, em direção à linha do horizonte, fora necessário interromper a narrativa, por que certamente, quando chegassem em casa, já seria noite. O motivo da demora da narrativa, dava-se pelo fato do narrador, ser extremamente minucioso e detalhista, e elucidava com clareza os desentendimentos e as dúvidas quando suscitadas. Mas de uma coisa ninguém podia reclamar, a história ficava de fato revelada.

Como fora revelada somente uma das três partes da história, a viagem de ida, ficando pendente de narrativa, o período que estiveram lá, e a viagem

de volta, Coronel Serafim disse ao Sr. Ari: – Vamos fazer o seguinte, no próximo domingo, venham para cá, logo pela manhã, então teremos o dia todo para ouvir o restante da história. No sábado à tarde mataremos uma novilha, e todos estão convidados virem com suas famílias, saborearem um bom churrasco, aqui em casa no domingo.

E dessa forma encerrou a reunião daquele domingo, assim que todos se foram muito felizes, Coronel ao entrar na varanda da cozinha, viu a toalha nova sobre a mesa. Como tinha gosto muito refinado, ficou admirando aquela obra de beleza tão singular, feita com tanto capricho, perguntou à esposa: – Quando e onde, você comprou essa toalha tão bonita, que eu não estou lembrado?

Dona Ana respondeu: – Essa toalha foi um presente que Dona Iracema, trouxe para nós, em sua viagem, fora comprada no Paraguai. Sabia que você também ia gostar, agora que você já viu, vou dobrá-la e guardar.

Coronel Serafim ficou pensativo, aquele casal de pescadores, eram pessoas muito simples, mas sabiam conquistar as pessoas, com suas histórias, com

toalha, linhas e anzóis, conseguiam agradar a todos, indistintamente, por isso eram tão queridos.

No dia seguinte, em plena segunda-feira, Sr. Ari levantou cedo chamou a esposa e o filho, como tivessem que fazer algo muito importante, depois do café da manhã, convidou-os para um passeio de barco, iriam visitar alguns vizinhos que moravam próximos ao rio, munuiu-se de algumas caixas de anzóis, alguns carretéis de linhas e chumbos, colocou-os em uma sacola, Dona Iracema perguntou:

— Vamos visitar nossos vizinhos, ou vamos pescar?

Ele respondeu que naquela manhã iriam na casa de alguns vizinhos, a pescaria ficaria para o dia seguinte. Em todas casas que chegavam, os moradores deixavam seus afazeres e vinham recebe-los com alegria, depois de conversarem por alguns momentos, Sr. Ari em poucas palavras, falava sobre a viagem que haviam feito até o Paraguai, então pegava a sacola e distribuía, dezenas de anzóis de diversos tamanhos, linhas e chumbos, depois se despediam, ele dizia que pretendiam visitar outros vizinhos. Entravam na canoa e remavam até outro endereço, para fazer tudo igual. E assim passaram o dia todo,

almoçaram, merendaram, se quisessem teriam até jantado. Chegaram em casa ao anoitecer, a sacola estava vazia, havia distribuído até o último anzol, e a canoa estava quase cheia de cachos de bananas, melancias, abóboras, frangos e até leitões. Não obstante Sr. Ari demonstrar não querer nada receber, as pessoas insistiam e acabavam colocando seus presentes dentro do barco. Era a maneira carinhosa que encontravam, para retribuírem a visita e seu gesto caridoso.

Naquela semana Sr. Ari intimado por Dona Ira, com a ajuda do menino Belo, resolveram limpar a roça, que estava meio abandonada, devido ao período que estiveram viajando. Como sabemos, Sr. Ari era um homem ainda jovem, com pouco mais de trinta anos de idade, mas do tipo que não conseguia trabalhar sozinho, a esposa tinha que acompanhá-lo, e trabalhar ao seu lado. Quando ia sozinho para roça, trabalhava alguns minutos, depois deitava-se à sombra de uma bananeira e dormia, como um porco cevado, quando a esposa chegava com o almoço teria que acordá-lo, dizia que esse era o hábito dos índios da tribo onde fora criado, em território boli-

viano, enquanto as mulheres trabalhavam as roças, os homens iam caçar, pescar ou dormir. Talvez por essa razão, gostava tanto de morar naquele lugar, e a vida da maneira como levava, e se negou mudar, para perto da família da esposa, trabalhar não era seu ponto forte. Poderíamos dizer que o que mais gostava fazer, navegar de canoa, pescar, tecer uma rede ou uma tarrafa de pesca, e dormir.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 25/08/2025.

Um Domingo de Festa

O domingo amanhecera com gosto de festa, depois de tratarem as galinhas e aguar a horta, vestiram roupas mais pertinentes, saíram em direção à sede da fazenda do Coronel Serafim, apesar da distância ser aproximadamente três quilômetros, com passos apressados logo chegariam ao destino, ao longe avistaram a fumaça, saindo pelas copas das árvores, denunciando a queima de madeira, para produzir as brasas para assarem a carne. Esses churrascos de fazenda, não se restringia ao horário do almoço, as brasas eram esti-

muladas arderem o dia todo, e as mantas de carne se sucediam uma após a outra, e se comia o dia todo. Embora não tendo bebida para acompanhar, eram servidas algumas variedades de sucos caseiros, feitos com frutas produzidas ali mesmo no quintal, ou colhidas no campo.

Quando chegaram, Sr. Ari foi direto ao local onde seria assada as carnes, encontrou Sr. Nonô com lágrimas nos olhos, lutando para ascender o fogo, provocadas pela fumaça, Sr. Ari o cumprimentou, logo em seguida apossou-se de um abanador improvisado, e passou assoprar com vigor o fogo preguiçoso, que logo acordou e começou crepitar, como houvesse sido estimulado por um líquido comburente, logo as achas e os troncos de madeira, começaram queimar produzindo labaredas, expulsando a fumaça inconveniente. Sr. Nonô que procedia da região nordeste do Brasil, pensou consigo mesmo, “esse índio é mesmo um cabra arretado”.

Em seguida foram chegando outros e cumprimentando Sr. Ari, que perguntou onde estava o dono da casa, se referindo ao Coronel. Um deles

respondeu: – Coronel Serafim deve estar dormindo, esqueceu que hoje é domingo?

Um terceiro contestou a resposta do segundo, dizendo: – Rapaz, para Coronel não existe dia de domingo, mesmo não tendo obrigação a cumprir, todos os dias levanta cedo, cheguei aqui cinco horas da manhã, e fui tomar café com ele. Deve estar dando alguma ordem lá dentro, logo vai estar aqui.

Fora dito e feito, logo chegou Coronel Serafim cumprimentando a todos, elogiando Sr. Nonô por ter produzido fogaréu tão grande, sem imaginar que fora Sr. Ari quem havia conseguido.

Falando em procedência, compete-nos revelar que dos sete funcionários da fazenda, dois eram nordestinos, Sr. Nonô e Sr. Ciço, dois mineiros, Sr. Lazin e Sr. Valtin, e três mato grossenses, todos da região do pantanal cuiabano, Sr. Macedo, Sr. Nonato e Sr. Alcebíades. Voltando ao assunto, sobre falta de escola, existiam treze crianças em idade escolar, dos sete aos quatorze anos, sendo quase todos analfabetos. Um problema sério, não considerado grave, como deveria, pelo fato dos pais e mães, serem também analfabetos, que certamente oca-

sionariam consequências, para o futuro dessas crianças. Outra observação que achamos oportuno registrar, que os filhos mais velhos dos funcionários, quando completavam quatorze anos, começavam acompanhar os pais ao trabalho, sem ganhar nada por isso. Segundo Coronel, os filhos tinham que aprender trabalhar, só começavam ganhar seus salários, quando o patrão considera que estavam aptos. Todos sem exceções, pais e filhos trabalhavam sem nenhum tipo de registro, sem jornada de trabalho definido, como costumavam dizer, de sol a sol, isso é, da hora que o sol saía, até quando o sol se escondia, menos aos domingos que era dia de folga. Mesmo assim Coronel Serafim era considerado um dos melhores patrões daquela região, para com seus empregados.

Essa prática à época, no início da década dos anos sessenta, quando esses fatos teriam acontecidos, eram normais e generalizados, os acordos de trabalhos eram formalizados verbalmente, o salário mensal era combinado entre as partes, sem direito à férias nem ao décimo terceiro salário, o funcionário tinha direito a uma casa para morar com sua famí-

lia, teria direito ao leite para as crianças, poderia criar galinhas e porcos para consumo próprio, cultivar uma pequena horta, basicamente isso era tudo, quando acontecia algum desentendimento entre patrão e empregado, que uma das partes, ou ambas as partes ficassem insatisfeitos, o acordo era rompido, e o funcionário se mudava.

Como era praxe nessas reuniões, na casa do Coronel, as mulheres se reuniam na varanda e na cozinha, e todas se engajavam na preparação do almoço, mesmo estando o churrasco, à cargo dos homens, o almoço tradicional era sagrado, tinha de estar à disposição nas panelas sobre o fogão à lenha, ficando a critério da pessoa, se quisesse ou não almoçar.

Devido ao churrasco a narrativa de Sr. Ari, não foi tão emocionante como no domingo anterior, as pessoas ficaram divididas entre a história da viagem, e as mantas de carne assada, que a toda hora eram retiradas do calor das brasas para serem servidas, o próprio Sr. Ari não estava eloquente como na primeira parte da narrativa, afinal não era a toda hora que se poderia saborear um churrasco bem temperado como aquele.

Principalmente quando Coronel Serafim, convidou um churrasqueiro gabaritado, muito afamado que morava há algumas léguas de distância, conhecido pelo apelido de gaúcho, e teria vindo no sábado à tarde para preparar a carne, para que dormisse no tempero, e o resultado não poderia ter sido melhor.

Um dos motivos de Coronel Serafim ser considerado, um dos melhores patrões daquela região, em primeiro lugar, por ser muito amigo de todos seus funcionários, correto, pagava em dia, não era autoritário, estava sempre em contato com eles, promovia esses almoços de vez em quando, e convidava a todos com suas famílias, tanto ele com sua esposa Dona Ana, tratava a todos como sendo seus iguais. Não obstante parecer coisas bem simples, e elementares, esse ambiente não era comum em outras fazendas, os patrões costumavam ser frios, considerarem superiores, indiferentes e até carrascos com seus empregados.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 26/08/2025.

Filhos, Esses Nossos Desconhecidos

E o tempo haveria de passar célere, quando percebemos o menino Belo, não era mais um menino, tinha agora quinze anos de idade, andava triste e calado, se recusava acompanhar o pai nas pescarias. Há muito dizia para mãe que gostaria trabalhar como vaqueiro, com os funcionários da fazenda, Belo tinha certa inclinação com cavalos e gado. Então Sr. Ari e Dona Ira, foram falar com Coronel Serafim, que permitiu que Belo acompanhasse os vaqueiros da fazenda, nas lides do gado, para isso teria seu

cavalo e sua sela. Ouviram de Belo, que Sr. Nonato não se importaria que ficasse em sua casa durante a semana, Sr. Ari e Dona Iracema foram falar com Sr. Nonato e sua esposa, que confirmaram a informação, então Belo começou passar os dias da semana, na casa do funcionário. Juntamente com Ananias, o filho mais velho de Sr. Nonato, que tinha mais de dezesseis anos, levantavam todos os dias bem cedo, e acompanhavam os vaqueiros no trabalho do dia a dia.

Sr. Nonato e sua esposa Dona Sônia tinham apenas três filhos, sendo Ananias o mais velho, depois Anita com quatorze anos, e a caçula Elisa com onze anos. Assim como Ananias, Belo também levava jeito para lidar com gado. Faziam alguns meses que estava praticando, a cada dia se revelava mais destemido e competente. O que ninguém sabia, ou fingia não saber, que Belo e Anita eram apaixonados um pelo outro, mas o encontro deles sempre fora as escondidas, Anita tinha medo dos pais descobrirem, e não aceitarem mais a presença dele em sua casa.

Nos finais de semana Belo ia para casa dos pais contrariado, seu desejo era ficar junto a Ani-

ta, Dona Iracema percebeu que havia qualquer coisa estranha, o filho estava muito mudado, aos domingos apenas almoçava, e voltava para fazenda, poderia muito bem deixar para voltar no final da tarde. Depois de conversar com Sr. Ari, chegaram à conclusão que deveria fazer uma visita, à casa de Dona Sônia, durante o dia, quando o filho estivesse trabalhando, para saber o que poderia estar acontecendo.

Dona Iracema chegou à casa, fora recebida por Dona Sônia, assim que Anita a viu, apenas cumprimentou e foi para seu quarto. Depois de conversarem um pouco, Dona Sônia dissera que o marido estava pensando em mudarem da fazenda. Dona Iracema quis saber o motivo, tinha conhecimento que Sr. Nonato era muito querido pelo Coronel, considerado por ele, um de seus melhores funcionários. Dona Sônia dissera que o marido, pretendia com a ajuda do filho Ananias, tomar conta sozinhos de uma pequena propriedade, em uma outra região, que não ficasse tão longe de uma cidade.

Dona Iracema perguntara a ela, se não havia notado que seu filho Belo andava estranho, quase não

conversava e vivia entristecido. Dona Sônia justificou-se dizendo:

— Notamos sim, o mesmo está acontecendo com Anita, vive emburrada, quase não sai do quarto, e isso começou depois que Nonato revelou, que estava pensando em se mudar daqui. Ela chegou dizer que não queria morar em outro lugar.

Então Dona Iracema confidenciou a amiga: – Vocês não perceberam nenhum relacionamento mais sério entre os dois, Belo e Anita?

— Não, são ainda duas crianças, Anita tem apenas quatorze anos.

— Pois é, mas eu com quinze anos, fugi de casa, com meu primeiro marido.

Dona Sônia ficou pensativa e disse: – Você pode estar certa, não sabemos o que se passa na cabeça dessas crianças, vamos conversar com Anita, ela não costuma mentir.

Anita apesar de ter apenas quatorze anos, já era uma mocinha muito bonita. Dona Sônia foi até seu quarto, chamou a filha, para que viesse até a sala. Anita levantou-se da cama, acompanhou a mãe.

Dona Sônia na presença de Dona Iracema, perguntou a filha:

— Anita gostaria que você dissesse, o que está acontecendo com você e o Belo?

Anita ficou toda atrapalhada, disse gaguejando:
— Por que, ele disse alguma coisa?

Dona Iracema, intercedeu dizendo: — Mais ou menos, gostaríamos que você nos dissesse.

Anita começou chorar, aquele gesto era praticamente uma confissão. Dona Sônia perguntou a filha: — Seja o que for minha filha, sou sua mãe, pode confiar em mim, diz o que está acontecendo?

Anita ainda chorando, quase soluçando, disse:
— Acho que estou grávida.

Dona Sônia ficou pálida, visivelmente furiosa, perguntou a filha: — Como isso aconteceu Anita? Se nunca disse que estavam sequer namorando? Não sei o que seu pai vai fazer, mas ele não vai gostar saber disso.

Dona Iracema ponderou: — Porque você acha que está grávida? Belo está sabendo disso?

Ela não respondeu, apenas balançou a cabeça, dizendo que sim.

Estava tudo explicado, o motivo da preocupação dos dois. Dona Iracema, perguntou a ela: – Há quanto tempo isso começou? Não precisa esconder mais nada, o que está feito, não tem mais como desfazer. Vocês se gostam de verdade?

Anita entendeu muito bem, o que Dona Iracema queria saber, disse: – Começamos namorar escondido antes dele vir morar aqui em casa, como gosto muito dele, tudo começou quando veio morar aqui em casa. Somente agora percebi que estou grávida.

Dona Iracema disse a Dona Sônia: – Eles têm razão por estarem preocupados, vou voltar para casa, conversar com Ari, à noite voltamos, talvez seja melhor deixar para dizer ao Sr. Nonato, quando estivermos aqui, ele como pai, vai compreender, ignorância e brutalidade, nessas horas, só vão piorar as coisas. Você Anita pode contar com o meu apoio e de Ari, não precisa ficar com medo de seu pai.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 27/08/2025.

A Solução Encontrada por Sr. Ari

Assim que Sr. Nonato e os dois rapazes chegaram do trabalho, Dona Sônia agiu como se nada soubesse, providenciou o jantar mais cedo, por que sabia que ao anoitecer Dona Iracema e Sr. Ari chegariam. Anita permaneceu no quarto, apesar do que ouviu de Dona Iracema, estava muito envergonhada, e com receio de como o pai reagiria, quando ficasse sabendo. Belo estranhou a ausência da namorada, enquanto jantavam, fazia apenas uma semana que ficara sabendo de sua gravidez, desde então perdera

completamente o sossego e a concentração. Um turbilhão de incertezas fustigava seu espírito, de jovem imaturo, mas de uma coisa estava certo, não deixaria Anita por nada nessa vida.

Dona Iracema chegou em casa, encontrou o marido tecendo uma rede de pesca, pegou uma cadeira e foi sentar-se próxima de onde estava, à sombra da mangueira, então revelou tudo que havia descoberto, sobre a gravidez de Anita, e a intenção de Sr. Nonato se mudar. Sr. Ari apenas riu da situação, e pela sua expressão havia gostado do acontecido, que de certa forma irritou a esposa, que perguntou: – Você não está entendendo a gravidade da situação? Nosso filho vai ser pai aos dezesseis anos? Como vai sustentar a esposa e ao filho?

— Com as graças de Deus, tudo se ajeita, se Sr. Nonato não os aceitar em sua casa, traremos os dois para nossa casa, onde comem dois, comem quatro, não se preocupe com isso. Os dois haverão de ser felizes como nós somos.

Mal começava escurecer Sr. Ari e Dona Iracema chegaram à casa de Sr. Nonato, que estranhou a visita tão intempestiva. Belo veio ao encontro dos

pais, pedindo suas bênçãos, depois de cumprimentados, foram convidados pelo dono da casa a entrar. Quando estavam todos acomodados, Dona Sônia revelou ao marido o motivo da presença dos pais de Belo. Sr. Nonato fulminou Belo com um olhar de reprovação, ao tempo que dizia: – Quero Anita aqui nessa sala, para dizer se isso é verdade.

Anita que espreitava atrás da porta do quarto, entrou na sala com a cabeça abaixada. O pai disse a ela: – Me diz Anita, se o que sua mãe disse é verdade?

Anita olhou para Belo, ela estava com os olhos cheios de lágrimas, não respondeu ao pai, apenas balançou a cabeça confirmando. Sr. Nonato virou-se para Belo, e perguntou: – O que você tem a dizer, seu moleque atrevido.

Belo não disse nada, apenas abaixou a cabeça. Sr. Ari intercedeu pelo filho, disse: – Sr. Nonato nessas horas devemos manter a calma, para depois não arrepender, não é hora de condenar, como adultos, temos que ajuda-los encontrar uma solução, para consertar o que fizeram.

— E o que o Senhor sugere, para resolver o problema?

Sr. Ari perguntou ao filho: – O que você está pensando fazer meu filho?

— Estou pensando em me casar com Anita, e juntos criarmos nosso filho.

Não satisfeito, Sr. Nonato perguntou a Belo: – Você acha que se casando com Anita resolve o problema, como vai sustentar a ela, se não é capaz de sustentar nem a si mesmo?

Sr. Ari intercedeu novamente, dizendo: – Quanto a isso Sr. Nonato, não precisa se preocupar, sou responsável pelo meu filho, portanto esse é um problema meu, e não do Senhor. Se autorizar levamos Anita conosco ainda hoje.

Dona Sônia interferiu dizendo ao marido: – Nonato Sr. Ari está certo, não é hora de condenar, e sim encontrar a solução, eu não permito que Anita saia assim de nossa casa, se podemos fazer as coisas da maneira correta. Você já esqueceu minha situação, quando nos casamos?

Sr. Nonato olhou para esposa indignado, com medo que ela dissesse qualquer coisa, abaixou a cabeça, e não disse mais nada.

Dona Iracema, deu seu testemunho, dizendo: – Sr. Nonato eu entendo a reação do Senhor, nossos filhos são ainda muito jovens, estão assustados com o que aconteceu, compete a nós como adultos, apoiar e ajudar com aquilo que estiver ao nosso alcance. Como disse Dona Sônia, qual de nós não cometemos nossos deslizes? Particularmente eu não os condeno, porque aos quinze anos, também fiz coisas que muito magoaram meus pais, e eles me perdoaram.

Sr. Nonato com um tom de voz mais moderado, perguntou a esposa e a Dona Iracema: – Se as Senhoras sabem como resolver a situação da maneira correta, me falem como, os dois são menores de idade, não podem se casar, ele não tem emprego, está aprendendo trabalhar, demorará para começar receber seu salário, não sabe o que é responsabilidade, eu não vejo solução para o problema.

As duas permaneceram caladas, não tinham uma resposta convincente, para dar a ele. Sr. Ari veio em socorro a elas, dizendo: – Tive uma ideia, talvez Coronel Serafim e Dona Ana, possam nos

ajudar, esperem uns minutos vou até a casa deles, explicar o que estou pensando, logo volto.

Sr. Ari se levantou e saiu pela porta da sala, chegou à casa do Coronel, o casal veio recebe-lo, o cumprimentaram, e perguntaram o que havia acontecido. Sr. Ari sentou em uma cadeira, começou explicar nos mínimos detalhes o acontecido, depois de ouvir toda a história, Coronel perguntou a ele: – O que posso fazer para ajuda-los?

Sr. Ari disse: – Tive uma ideia caso o Senhor concordar, talvez convenceremos Sr. Nonato, aceitar a situação, com mais facilidade. O Coronel está sabendo, que Sr. Nonato está pensando em se mudar?

— Já ouvi alguma coisa sobre esse assunto. Mas não acredito que ele se mude logo.

— Estou sabendo o motivo por que está pensando em se mudar. O Senhor gostaria que ele continuasse, como funcionário aqui em sua fazenda?

— Sr. Nonato trabalha comigo há muitos anos, o considero meu homem de maior confiança, não gostaria que ele se mudasse, a não ser que consiga um emprego melhor.

— O motivo por que quer se mudar, é pelo fato do filho dele não estar recebendo salário, se disser a ele que começará pagar a partir de agora um salário para Ananias e outro salário para Belo, garanto que vai desistir de mudar.

— Para Ananias tudo bem, mas para o menino Belo, começou praticar há poucos meses, isso não posso fazer.

— Mas o Senhor não precisa pagar ao Belo, é só dizer que vai pagar, se disser que o menino terá como sustentar a filha, ele aceitará a situação.

— E como Belo vai sustentar a si e a esposa?

— Temos nossas economias, não teremos problemas para mantê-los por um bom período, eu passo o dinheiro ao Senhor, o Senhor entrega a ele, até que comece ganhar seu próprio dinheiro. Caso questionar por que resolveu assalariar Belo, com poucos meses de experiência, poderá dizer, por se tratar de um aprendiz, que tem uma esposa para sustentar.

Coronel Serafim ficou pensativo, depois falou: – Se você acha que sua ideia poderá dar certo, não vejo nenhum problema dizer a ele. Eu estava

mesmo pensando começar assalarar Ananias, o rapaz possui dois anos de experiência, e já é um bom vaqueiro. Penso que se o menino Belo, continuar se esforçando como está fazendo, em menos de um ano posso começar assalaria-lo também. E agora, o que faremos?

— Para resolver o problema de vez, se o Senhor quiser, podemos ir até sua casa agora, Iracema está lá me esperando.

— Então vamos, assim se decidirá, se vai mudar ou não, não gosto ficar sabendo as coisas, pelos outros, deveria ter me procurado, falado por que queria se mudar, e teríamos resolvido a questão.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 27/08/2025.

Quando há Amor, Tudo se Ajeita

Dona Ana que acompanhou toda a conversa, mesmo na escuridão, resolveu acompanhá-los até à casa de Sr. Nonato, que não ficava assim tão distante. Em poucos minutos chegaram à casa, Coronel e Dona Ana cumprimentaram a todos. Buscaram mais cadeiras na cozinha, de forma que todos ficaram acomodados. Coronel tomou a palavra, com autoridade de quem possuía as condições, para ajudar solucionar o problema, foi dizendo:

— Sr. Nonato estou aqui para tentar mediar, o problema que surgiu entre vossa família e a do Sr. Ari, ao mesmo tempo, tentar solucionar uma questão, que diz respeito a sua condição de funcionário, e a minha de patrão. O que vamos tratar aqui, entendo que diz respeito somente a nossas famílias, e ninguém mais precisa tomar conhecimento. Sr. Ari falou-nos do sucedido entre Belo e Anita, esse é um assunto que prefiro não me intrometer, nem vou censura-los pelo que fizeram. Fiquei sabendo por outras fontes, que o Senhor está pensando em se mudar daqui. Vou fazer uma proposta, para resolvermos as duas questões, o Senhor poderá estudar, e depois dizer sua decisão. Tenho o Senhor como sendo o melhor de meus funcionários, não gostaria que se mudassem. Proponho a partir de hoje, assalariar Ananias, e Belo, com o mesmo salário de meus demais funcionários, que vocês conhecem. Penso que estarei resolvendo os dois problemas, vocês analisam minha proposta, se resolver vossos problemas, basta dizer que assim está bom, como disse, ninguém mais precisa saber de nosso trato.

Sr. Nonato pensou depois falou: – Não sei se entendi direito, o Coronel está propondo pagar a partir de hoje, mais dois salários? Um para Ananias e outro ao Belo, o filho de Sr. Ari?

— Exatamente isso, assim Belo terá condições, para assumir Anita, como sua esposa.

— Muito obrigado Coronel, penso que assim fica bom, eu aceito vossa proposta, não temos mais motivos para nos mudar.

— Da minha parte era isso o que tinha a dizer. Agora eu e Dona Ana vamos embora, para que vocês decidam à vossa maneira o que pretendem fazer. Queríamos dizer ao Sr. Ari e Dona Iracema, para que não vão embora hoje, vamos espera-los para dormirem lá em nossa casa. Boa noite a todos.

Assim que Coronel Serafim e Dona Ana se foram. Sr. Ari disse ao Sr. Nonato: – Não disse que quando queremos, para tudo encontramos solução. E agora o Senhor aceita que Belo seja o marido de Anita?

Sr. Nonato um pouco envergonhado, justificou-se: – Minha preocupação não era questão de aceitar, eu acho Belo um bom rapaz, trabalha-

dor, educado, mas por entender, que ele não tinha condições de assumir Anita como sua esposa, além dos dois serem muito jovens, não tinha um salário para sustentar a si, nem a ela.

Dona Iracema perguntou aos pais de Anita: Vocês aceitam Belo continuar morando aqui, agora na condição de marido de Anita, ou preferem que vão morar com a gente, para nós seria uma grande alegria.

Sr. Nonato respondeu: – Em minha opinião, acho melhor continuarem aqui, devido seu compromisso com o trabalho, quem sabe a hora que vagar uma das casas, Coronel permite que eles a ocupem, lá onde moram, se tornaria difícil para Belo vir ao trabalho, mesmo se almoçasse aqui em casa.

— Nisso o Senhor está certo, lá onde moramos ficaria difícil para o Belo, como agora terá seu salário, seria justo contribuírem com as despesas de vossa casa. Depois o Senhor combina o valor com ele, com parte de seu salário, precisam se preparar com a chegada da criança, e também irem comprando suas coisinhas para um dia montarem sua própria casa.

Sr. Nonato estava emocionado, principalmente quando Sr. Ari falou na chegada da criança, com a voz embargada disse: – Graças a Deus, e ao Coronel Serafim, agora tudo vai ficar em paz, assim que completarem a idade exigida, realizaremos o casamento deles.

Dona Iracema levantou-se da cadeira, fazendo todos entenderem, que estavam de saída, foi até Anita, a abraçou e beijou-lhe o rosto, depois abraçou e beijou o filho, se despediu dos demais da família, o que foi imitado pelo marido, Sr. Ari e os dois deixaram a casa de Sr. Nonato.

Dona Sônia disse, para que Belo e Anita ouvissem: – Amanhã preparemos um quarto para vocês dois, essa noite cada um dorme em sua cama. Como disse Nonato, graças a Deus, tudo vai dar certo. O que mais desejamos é que sejam muito felizes.

Quando Sr. Ari e Dona Iracema chegaram à casa do Coronel, para avisá-los que iriam embora, mesmo na escuridão, Coronel e Dona Ana não permitiram, o quarto já havia sido preparado para que eles dormissem lá. Então se sentaram e ficaram conversando sobre o desfecho da história. Coronel

comentou que Sr. Nonato era um homem muito correto, mas muito melindroso, preferia se mudar, a vir falar com ele, para começar pagar o salário ao filho. Que em sua opinião, as pessoas não devem ser assim, quando sentir que algo não está como deseja, tem que chegar e dizer abertamente à pessoa certa.

Dona Ana que conhecia Anita desde que nasceu, disse a Dona Iracema, que apesar de seu filho e ela serem muito jovens, Belo dificilmente encontraria pessoa melhor que ela, muito educada, trabalhadeira, caprichosa, e muito bonita. Acreditava se os dois combinassem bem, haveriam de ser muito felizes. Dona Iracema limitou-se em ouvir, por que em verdade, não a conhecia direito, apenas a tinha visto algumas vezes, ali mesmo, nos almoços na casa de Dona Ana, mas de fato, era uma mocinha muito simpática e bonita.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 28/08/2025.

Epílogo

Não obstante o filho Belo estar morando fora há alguns meses, somente agora sentiram sua ausência, como se Belo não mais pertencesse a eles, quando em verdade os filhos não são propriedades dos pais, chega o momento de se desvincularem, para cuidarem de suas próprias vidas. No primeiro domingo após o acontecido, Sr. Ari e Dona Ira tiveram uma agradável surpresa, quando viram ao longe, três pessoas vindo caminhando, em direção a sua casa. O filho Belo, Anita e sua irmã Elisa, que tinham vindo visita-

-los, almoçar, e passar o domingo com eles, Sr. Ari e Dona Ira choraram de emoção quando chegaram, então compreenderam que não haviam perdido o filho, e sim ganhado mais uma filha. E Anita havia se desvencilhado do sentimento de culpa, e da vergonha do que haviam feito, agora estava feliz e sorridente, como tivesse passado por um pesadelo que durara alguns dias, mas felizmente tudo havia passado.

Dona Iracema que não tivera boa impressão quando foi em sua casa, e ela mal o cumprimentara, e entrou para seu quarto, e só saiu quando a mãe foi chama-la. Agora conversava como se fossem velhas amigas. Desfazendo completamente a má impressão anterior. Como dissera Dona Ana que a conhecia desde que nascera, era uma menina muito especial, e pelos seus modos demonstrava que amava Belo de verdade, agora seu marido.

Belo que ultimamente quase não conversava, parecia estar sempre triste e preocupado, agora não saía do lado do pai, conversando alegre e despreocupado, procurando saber das coisas. Sr. Ari sabia que qualquer dia teria que revelar a ele, o que foi neces-

sário fazer, para convencer Sr. Nonato, aceita-lo sem maiores restrições, como marido da filha, mas isso ficaria para um momento, quando o passado representasse um fato superado, que não significava mais nada.

Aquele domingo fora um dia, para não se esquecer, muito feliz para todos, no final da tarde, quando disseram que iriam embora, Dona Iracema havia separado um pouco de suas roupas, para que fosse levando aos poucos, por que sabia que o filho não mais retornaria para morar com eles. O importante é que estava muito feliz ao lado de sua companheira, e ela poderia ir vê-los a hora que desejasse.

Todas as quartas-feiras, ao entardecer Sr. Ari e Dona Ira, colhiam verduras e legumes de sua horta, para distribuir entre os moradores da fazenda. Iam os dois caminhando lentamente, pelas pastagens nativas, Sr. Ari levava sobre as costas, o balaio cheio de verduras fresquinhas, primeiro passavam na casa do Coronel, Dona Ana pegava alguns pés de alfaces, depois iam à casa de Sr. Nonato, lá deixavam uma quantidade de verduras e legumes, depois Sr. Ari

distribuía o restante nas outras casas, por lá jantavam, e ficavam conversando, quando pensavam em voltar para casa, já era muito tarde, como sempre eram convidados a pousar, foram acostumando, e muito raramente voltavam para casa durante à noite.

Depois do nascimento do filho de Belo e Anita, um menino muito bonito e saudável, que recebera o nome Anísio, um dos moradores Sr. Alcebíades, que era o mais velho, e estava cansado, decidiu se aposentar, e mudar para uma cidadezinha não muito distante, ficando sua casa desocupada, Sr. Ari não perdeu tempo, pediu a casa ao Coronel, para o filho Belo, como Coronel não pretendia contratar nenhum outro funcionário, permitiu. Como Belo não tinha nada para colocar dentro da casa, com anuência do Coronel Serafim, Sr. Ari trouxe sua mudança da casa da beira do rio, e passaram morar juntos novamente.

A verdade é que Sr. Ari e Dona Ira, sentiam muito solitários morando lá sozinhos, o nascimento do neto foi determinante, Dona Iracema não saía mais da casa da nora, a solução foi morar todos

juntos. Ficando lá às margens do rio, a velha casinha vazia, a velha mangueira no quintal, do lado da casa, a velha horta e a roça, ambas abandonadas, e a canoa amarrada no ancoradouro, sob a velha figueira, quando queria comer um peixe, ou presentear um amigo, Sr. Ari descia até lá, fazia sua pescaria e retornava para casa do filho.

Nunca mais voltaram a Ponta Porã, nem tão pouco receberam qualquer visita, ou notícias de seus parentes. De vez em quando, Sr. Ari, lembrava de algum acontecimento daquela viagem, e narrava com precisão o acontecido. Apesar de nunca ter alterado seus documentos, Sr. Ari considerava-se mais brasileiro de qualquer outro brasileiro.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal – MG, 28/08/2025.

Fim



IRÁ, eto íNDIO ARI

ANTONIO MARTINES
BRENTAN